

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E  
SOCIEDADE**

**Rafael Pereira Galindo**

**COMO A LENDA URBANA SIGNIFICA?  
UM MODO DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO ITAJUBENSE**

**POUSO ALEGRE – MG**

**2021**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E**  
**SOCIEDADE**

**Rafael Pereira Galindo**

**COMO A LENDA URBANA SIGNIFICA?**  
**UM MODO DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO ITAJUBENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí para obtenção do título de Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade.

Área de Concentração: Educação, Conhecimento e Sociedade

Linha de Pesquisa: Ensino, Linguagem e Formação Humana

Orientador: Prof. Dr. Atílio Catosso Salles

**POUSO ALEGRE – MG**

**2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Galindo, Rafael Pereira.

Como a lenda urbana significa? Um modo de subjetivação do sujeito itajubense. Pouso Alegre. 2021. 72 fls.

Orientador: Atilio Catosso Salles.

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade. Universidade do Vale do Sapucaí, 2021.

1. Análise de Discurso. 2. Subjetivação. 3. Lenda Urbana. 4. Estátua. 5. Itajubá.

I. Salles, Atilio Catosso (orient.). II. Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS.

III. Como a lenda urbana significa? Um modo de subjetivação do sujeito itajubense.

CDD: 410.1

## CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada “**COMO A LENDA URBANA SIGNIFICA? UM MODO DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO ITAJUBENSE**” foi defendida, em 29 de setembro de 2021, por **RAFAEL PEREIRA GALINDO**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 98014888, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Prof. Dr. Atilio Catosso Salles  
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS  
Orientador



Profa. Dra. Valéria Fonseca Leite  
Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI  
Examinadora



Profa. Dra. Joelma Pereira de Faria Nogueira  
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS  
Examinadora

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização geográfica do município de Itajubá .....	36
Figura 02 - Dona Gabriella de Moura Fonseca em Guaratinguetá/SP .....	37
Figura 03 - Mulher de Bronze e seu mausoléu .....	39
Figura 04 - Interior do Mausoléu da Mulher de Bronze .....	40
Figura 05 - Estátua da Mulher de Bronze .....	40
Figura 06 - Cenas do curta-metragem “Mulher de Bronze” .....	42
Figura 07 – Cenas da reportagem da TV Record em 2008 .....	43
Figura 08 – Cenas da reportagem da EPTV Sul de Minas em 2018.....	44
Figura 09 – postagem da página “LendaTV” sobre a lenda da Mulher de Bronze .....	45
Figura 10 – Tombamento patrimonial .....	46
Figura 11 – Ato de tombamento da estátua e mausoléu.....	46
Figura 12 – Cemitério Paroquial de Itajubá .....	48
Figura 13 – Localização do antigo cemitério do Rosário .....	49
Figura 14 – túmulo do Barão de Camanducaia .....	51
Figura 15 – visão do mausoléu da Mulher de Bronze pelo portão principal do cemitério – espaço de inserção da lenda.....	62

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise de Discurso

App - Aplicativo

CODPHAI – Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Artístico de Itajubá

DNA – Ácido Desoxirribonucleico

EPTV – Empresas Produtoras de Televisão

IEI – Instituto Eletrotécnico de Itajubá

MG – Minas Gerais

Revmo. – Reverendíssimo

SP – São Paulo

Unifei – Universidade Federal de Itajubá

A meus pais, Clarice e Valter, pelo exemplo de amor e carinho.

Ao povo itajubense, por suas histórias e conquistas.

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, *Clarice* e *Valter*, pelo apoio incondicional e pela sabedoria com a qual esculpiram meu espírito.

Aos colegas de percurso ao longo deste Mestrado, *Carolyna*, *Ângela*, *Gorete*, *Gilmara*, *Adriana* e *Emerson*, pelos ensinamentos, pelas conversas compartilhadas, pelas escutas. Ter pessoas como vocês ao meu lado foi uma experiência ímpar e agradável.

A todos os professores do curso, especialmente à *Luciana Nogueira*, à *Telma Domingues da Silva* e ao *Eduardo Alves Rodrigues*, pelas aulas que proporcionaram momentos de intenso saber e por deixarem em mim parte deles.

À professora *Joelma Pereira de Faria Nogueira*, que me acompanha desde a graduação e que prontamente aceitou o convite para ser parte da banca de avaliação de meu trabalho, contribuindo significativamente para a finalização deste, além de seu carinho e alegria.

À professora *Valéria Fonseca Leite*, que mesmo sem me conhecer aceitou o convite para ser parte da banca de avaliação de meu trabalho e que, por meio de sua leitura e observações, muito me auxiliou a progredir em minha escrita.

À professora *Luiza Kátia Andrade Castello Branco*, orientadora inicial deste trabalho, que muito contribuiu para meu desenvolvimento enquanto pesquisador, sempre com doces e sábias palavras motivadoras.

Ao professor *Atílio Catosso Salles*, orientador final deste trabalho, pela paciência, pelas sugestões, pela atenção, por sempre estar disponível e por ser uma luz iluminando meu trabalho.

A meus colegas de trabalho, especialmente à *Shirley*, que sempre estava disponível para me substituir quando eu perdia o ônibus para Itajubá, sem nunca reclamar, além de muito me ensinar.

A meus alunos, importante fonte de inspiração para este trabalho e para meu retorno às pesquisas.

É através da poesia de João Cabral de Melo Neto que agradeço a todos vocês que comigo se solidarizaram e contribuíram ao longo de minha dissertação de mestrado e que, de uma maneira ou de outra, são importantes para mim.

*“Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.”*

*Se uma história soa  
muito boa para ser verdadeira,  
pois bem, então é provavelmente  
uma lenda urbana.*

(Jorge Tadeu)

## RESUMO

GALINDO, R. P. **Como a lenda urbana significa? Um modo de subjetivação do sujeito itajubense.** 2021. 71 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre – MG.

Este trabalho discute questões sobre lenda urbana e subjetivação, analisando com mais profundidade a lenda urbana da Mulher de Bronze da cidade de Itajubá, no sul de Minas Gerais. A partir do campo teórico da Análise de Discurso, nos moldes que têm sido praticados no Brasil desde a sua fundação por Michel Pêcheux nos idos dos anos 60 na França, sobretudo por meio das pesquisas de Eni Orlandi, nosso objetivo geral foi compreender a lenda urbana da Mulher de Bronze e seu processo de subjetivação para os sujeitos itajubenses. Para isso, estabelecemos outros objetivos, que consistiram em analisar o modo como a lenda é significada nos discursos sobre a lenda. Os materiais que constituíram o corpus da pesquisa são diversos. Foram feitos recortes de algumas formulações sobre a lenda realizadas na internet, mais especificamente no Facebook, em grupos relacionados a Itajubá, e também em livros de historiadores locais sobre os acontecimentos do município. Também foi analisado o espaço do cemitério, onde fica a estátua que dá origem à lenda. Em seguida, analisamos as condições de produção dos discursos sobre a lenda e seus efeitos de sentido. Por último, relacionamos o processo de significação da lenda e seu processo de subjetivação. A partir da realização desta pesquisa, pudemos perceber que são diversas as maneiras pelas quais a lenda é significada a partir do discurso sobre ela e como a lenda urbana da Mulher de Bronze permanece na memória do povo itajubense, influenciando seus costumes, crenças, ideais e produzindo outros discursos e discursos outros.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Subjetivação. Lenda Urbana. Estátua. Itajubá.

## ABSTRACT

GALINDO, R. P. **How does the urban legend means? A mode of subjectivation of the subject of Itajubá.** 2021. 71 fls. Dissertation (Master's degree). Postgraduate Program in Education, Knowledge and Society. Vale do Sapucaí University, Pouso Alegre – MG.

This research discuss the urban legend's questions and subjectivation, deeply analyzing the urban legend of the Bronze Woman, known as "Mulher de Bronze" in Portuguese language, from Itajubá, a southern city in Minas Gerais State. Through the theoretical field of Discourse Analysis, such as it is practiced in Brazil through its foundation by Michel Pêcheux in France in the 60's, specially through Eni Orlandis' researches, our general aim was to understand the Bronze Woman urban legend and the subjectivation process to the people from Itajubá. To achieve it, we established other aims, which consist in analyzing the way that the urban legend is signified in the discourse about it. The materials which compose the corpus of our research are varied. We did some clippings of formulations about the legend found on the internet, in Facebook groups about Itajubá city, and also in history books of the city. The cemetery space was analyzed too, because in this space is localized the statue that gives birth to the legend. Then, we analyzed the conditions of production of the legend's discourses and its effects of meaning. Lastly, we connected the process of meaning to its subjectivation process. Through this research, we could see that there are so many ways of the legend's meanings from its discourses and how the Bronze Woman legend's stays on the Itajubá people's memory, influencing their behavior, beliefs, ideals and producing other discourses and discourse others.

Keywords: Discourse Analysis. Subjectivation. Urban legend. Statue. Itajubá.

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação.....</b>	<b>13</b>
<b>2. Movimento de Leitura da AD.....</b>	<b>19</b>
<b>3. Dizendo sobre as lendas e mitos .....</b>	<b>28</b>
3.1. As lendas urbanas .....	32
3.2 Lendas Urbanas e Discursividade .....	33
<b>4. A lenda urbana da Mulher de Bronze .....</b>	<b>35</b>
<b>5. O espaço do cemitério .....</b>	<b>47</b>
5.1 O Cemitério Paroquial de Itajubá .....	48
<b>6. Os discursos sobre a lenda .....</b>	<b>53</b>
6.1 O processo de significação da lenda .....	60
<b>7. Considerações Finais .....</b>	<b>64</b>
<b>8. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>68</b>

## 1. Apresentação

*“Tudo vale a pena se a alma não é pequena.”*

(Fernando Pessoa)

Este capítulo busca, de forma breve e clara, expor a motivação a esta pesquisa de mestrado. Busca, também, apresentar a questão de pesquisa e os caminhos que foram desenhados e desdobrados ao longo do processo de concepção deste trabalho.

O tema deste trabalho é a Lenda Urbana da Mulher de Bronze, ocorrida e difundida na cidade de Itajubá, no sul de Minas Gerais, desde meados dos anos 1930-1940. Trata-se de uma estátua de tamanho real, cunhada em bronze, localizada em frente a um mausoléu do Cemitério Paroquial de Itajubá e que permeia o imaginário e os sonhos dos cidadãos itajubenses. Essa lenda e a estátua serão descritas e discutidas de capítulos específicos nesta pesquisa.

Este pesquisador, no início do projeto de pesquisa, tinha em mente realizá-la através de um viés educacional, voltado às técnicas de ensino da língua. Porém, durante o decorrer do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, senti a necessidade de realizar um trabalho que abraçasse a ótica da Análise de Discurso.

A ideia de discutir a temática de uma lenda urbana surge anos antes deste trabalho, durante o exercício de minha prática profissional. Licenciado em Letras pela Fepi – Centro Universitário de Itajubá, assumi, em fevereiro de 2015, a disciplina “Enriquecimento Curricular da Língua Portuguesa”, na Escola Estadual Professor Antônio Rodrigues d’Oliveira - Polivalente, situada no bairro Estiva, no município de Itajubá. Esta disciplina, que naquele ano substituiu o Ensino Religioso, visava complementar as aulas de Língua Portuguesa, através de uma proposta diferenciada e regada às práticas e interesses dos alunos. Os alunos daquele curso, à época, esperavam aulas mais motivadoras. Por isso, no decorrer do ano letivo, foram frequentes nas aulas as dinâmicas, os jogos, os teatros, os debates e, claro, as práticas de escrita.

No fim do primeiro semestre de 2015, uma brincadeira popularizou-se entre os estudantes do Brasil e não demorou a chegar àquela escola. Tratava-se de uma espécie de “jogo do compasso”, improvisado numa folha de caderno e com alguns

lápiz. O jogo recebia a alcunha de “Charlie, Charlie” e, segundo os estudantes, servia para conversar com “as forças ocultas”. Eles relatavam que já haviam feito a brincadeira no começo da aula e que havia dado certo, alegando que o lápis se mexera quando fizeram uma pergunta. Eu os questionei sobre a origem da brincadeira, mas a única coisa que souberam falar era que um diabo mexicano de nome ‘Charlie’ respondia às perguntas que eram feitas. Informei a eles que parecia se tratar de uma lorota, pois o nome que eles julgavam pertencer à entidade não seguia os padrões linguísticos do espanhol, língua falada no México, o país de origem de Charlie, mas sim ao inglês. Ao fim de uma aula em uma turma de nono ano, foi possível notar a agitação dos alunos e ansiedade pelo horário do recreio. Eles planejavam executar a brincadeira o mais rápido possível. Na sala dos professores, o comentário era amplo: - os alunos estão animados com uma nova lenda urbana, dizia um professor; - eu saí correndo do oitavo ano, eles queriam chamar o coisa ruim, dizia outra professora; - nossa, é capaz do coisa ruim ficar é com medo do oitavo ano, completou outro professor. O assunto estendeu-se durante o horário do recreio, uma vez que os professores também demonstravam um certo interesse pela lenda e acabaram por lembrar outras historietas, que agora não me recordo quais eram.

Analisando os comentários dos colegas professores, obtive inspiração para um projeto que seria desenvolvido no semestre seguinte. As lendas urbanas fariam parte das aulas e seriam objeto de estudo dos educandos. Lembrei-me, então, da lenda que circulava pela cidade, a Mulher de Bronze, a qual resolvi estudar e conhecer.

O início do projeto de lendas urbanas deu-se em agosto de 2015. Foram apresentadas aos alunos várias lendas urbanas e, em seguida, todas eram amplamente discutidas. Os estudantes conheceram detalhes das lendas que eram contadas sobre o famoso edifício Joelma, da cidade de São Paulo, e as treze almas que foram carbonizadas num elevador, na tentativa de escapar de um incêndio; descobriram os enredos que embalavam a história da Loira do Banheiro e seu desenrolar, através da história daquela que originou a lenda, a senhora Maria Augusta de Oliveira, filha do Visconde de Guaratinguetá, que morreu na França após ter fugido do marido com quem foi obrigada a se casar ainda muito jovem e, quando seu corpo chegou ao Brasil, foi velada por meses, devido ao remorso de sua mãe, no casarão de seu pai, onde hoje está localizada a Escola

Estadual Conselheiro Rodrigues Alves. E, em todas as turmas, logo após as referidas lendas serem apresentadas, sempre surgiam comentários sobre a Mulher de Bronze, uma vez que essa lenda constitui o sujeito itajubense e sempre é assunto recorrente, mesmo inconscientemente, quando são relatadas histórias de tom sobrenatural.

Por ser uma lenda recorrente em Itajubá, não é difícil encontrar alguém que tenha uma história com a Mulher de Bronze. Os boatos surgiram aos montes nas salas. Para acalantar as discussões, foram apresentadas às turmas algumas reportagens realizadas pela TV Record sobre a lenda e um filme amador produzido na cidade. Alguns alunos demonstraram interesse em visitar a estátua no cemitério e uma pequena visita foi programada. Lá, além de conhecer mais detalhes sobre a Mulher de Bronze, foram relatadas aos alunos, pelos coveiros, outras lendas da necrópole, como a história do Barão de Camanducaia, que veio a Itajubá inaugurar o cemitério paroquial e, por ironia do destino, foi o primeiro a ali ser sepultado, uma vez que fora atingido por um raio enquanto passava pelo município de Piranguinho em viagem de retorno a Conceição dos Ouros, sua cidade. Retornando às salas de aula, os alunos ficaram incumbidos de escolher uma lenda urbana e apresentá-la aos colegas em forma de teatro, sempre significando a lenda pela língua. O êxito do projeto foi grandioso: até as turmas apáticas participaram voluntariamente e realizaram apresentações magníficas.

Tendo em vista o sucesso do projeto, resolvi estendê-lo aos estudantes de Língua Portuguesa do curso noturno da Escola Estadual Major João Pereira, onde até hoje leciono. O projeto foi apresentado, nos mesmos moldes, a uma turma de primeiro ano do ensino médio também apática nos estudos, motivo pelo qual foi escolhida. Os estudantes receberam muito bem o projeto, demonstraram interesse e sentiram-se mais motivados no ofício das narrativas e das variações linguísticas, conteúdos programados para a série. Houve êxito mais uma vez.

Assim, tive a ideia de aprofundar meu conhecimento acerca das lendas urbanas. Pensei, como já mencionado, em desenvolver pesquisa sobre métodos de ensino e tinha a seguinte pergunta norteadora: "Como as lendas urbanas estimulam a aprendizagem da redação em Língua Portuguesa? ".

Contudo, após aprofundar-me nas Ciências da Linguagem, resolvi dar a este trabalho uma abordagem embasada na Análise de Discurso. Desenvolvi, então,

novas perguntas norteadoras a esta pesquisa: “Como a Lenda Urbana significa? Como, ao significar, as lendas urbanas produzem efeito sobre o sujeito?”

Visando responder aos questionamentos apresentados, este trabalho organiza-se numa lógica específica. São apresentados, na Introdução, os objetos e a constituição deste trabalho. Em seguida, é apresentada a justificativa. Logo após, dá-se início à análise discursiva da pesquisa, a qual abrangerá a memória, a estátua da mulher de bronze, os recortes sobre a lenda, as condições de produção da lenda, os dizeres sobre a lenda e o processo de significação da lenda.

Os embasamentos desta pesquisa dizem respeito à Análise de Discurso praticada na França desde meados dos anos 60 por Michel Pêcheux e difundida no Brasil por Eni Orlandi. O tema de trabalho desta dissertação de mestrado é o modo de subjetivação do sujeito itajubense por meio da lenda urbana da Mulher de Bronze, muito propagada em Itajubá, no sul das Minas Gerais, e foi definido durante as aulas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale Sapucaí, após minha participação em seminários e atividades propostas pelo corpo docente da instituição. Com a apresentação do tema, surgiu também a necessidade de serem tecidas diversas outras considerações, que dizem respeito não só ao objeto estudado como à perspectiva que define a maneira como ele é pensado. O primeiro destes pontos é da ordem teórica, em que há uma exposição de determinados pressupostos da Análise de Discurso necessários ao desenvolvimento da pesquisa. Já o segundo está relacionado ao modo como a lenda urbana subjetiva o sujeito que se reconhece como cidadão itajubense. Assim, o trabalho foi dividido em sete principais capítulos, sendo o primeiro capítulo introdutório à temática debatida, o segundo capítulo dedicado à teoria e leitura da Análise de Discurso, o terceiro capítulo a questão das lendas e dos mitos, o quarto capítulo à lenda da Mulher de Bronze, o quinto capítulo ao espaço do cemitério, o local de circulação da lenda, o sexto capítulo aos debates e análises sobre a lenda urbana da Mulher de Bronze e o sétimo capítulo dedicado às considerações finais da pesquisa.

A partir do tema proposto neste trabalho, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: *Como, ao significar, as lendas urbanas produzem efeito e subjetivam o sujeito itajubense?* Para responder a esta pergunta, foi feita uma análise acerca da lenda urbana escolhida, de sua materialidade e dos discursos sobre ela,

pautada nas formulações sobre a lenda em redes sociais, mais especificamente a rede social Facebook, em grupos relacionados ao município de Itajubá.

Amparados pela AD, estudamos a lenda urbana da Mulher de Bronze e seu processo de significação e subjetivação por meio do discurso. Como nosso trabalho objetiva a análise do discurso sobre a lenda, nossa análise procurou contemplar diferentes níveis de percurso gerativo de sentido. Assim, buscamos primeiramente:

- a) compreender os discursos sobre a lenda, seus deslizamentos e efeitos de sentido e compreender as condições de produção da lenda;
- b) entender o processo de subjetivação do sujeito itajubense por meio da lenda da mulher de bronze.

Optamos por não analisar todos os discursos encontrados a respeito da lenda estudada e demos preferência àqueles que não possuíam tom jocoso, uma vez que, por se tratar de um assunto relacionado ao assombro, existe grande grupo de pessoas que não acredita nessas narrativas. Os discursos selecionados para análise foram aqueles que demonstraram maior tom de seriedade com a temática, além daqueles que exploram os possíveis sentimentos, positivos ou negativos, de quem tem contato com a estátua ou que conhece os discursos sobre ela.

Ao longo do trabalho encontram-se algumas imagens que foram selecionadas na intenção de facilitar a leitura e a compreensão da lenda analisada. Também estão presentes no texto os *prints*<sup>1</sup> de comentários realizados pelos munícipes sobre a lenda, dotados de impressões pessoais e falas comuns daqueles que conhecem a história da Mulher de Bronze. Preferimos colher os comentários no Facebook pelo fato de essa ser a rede social amplamente utilizada pela população e, também, pelo fato de as histórias renderem inúmeros relatos e compartilhamentos quando postadas na referida rede social. A facilidade em colher comentários também foi levada em consideração quanto à escolha da rede, uma vez que, quando diretamente questionadas, algumas pessoas não se sentem à vontade para falar sobre o tema, apresentando medo, algumas vezes,

---

<sup>1</sup> Termo da língua inglesa para denominar uma fotografia que captura a imagem de uma tela, seja de um computador ou de um aparelho celular.

ou o receio de serem expostas e, posteriormente, tornarem-se motivo de chacota de seus conhecidos e aparentados.

Os motivos que propiciaram a realização deste trabalho de pesquisa são diversos. Podemos afirmar, primeiramente, que existem poucas pesquisas que tratam exclusivamente das lendas urbanas no campo da Análise de Discurso, com destaque àquelas realizadas por Orlandi em seu livro “Instituições, Relatos e Lendas: Narratividade e Individuação dos Sujeitos”<sup>2</sup>, de 2016. Ademais, é notória a escassez de estudos sobre as lendas urbanas do sul de Minas Gerais e seus discursos, havendo, até o momento, algumas pesquisas acerca do “Capeta da Borda”<sup>3</sup>. A verificação de tais fatos justifica a escolha da temática em questão e a coloca como um tema de relevância local, uma vez que trata da historicidade do cidadão sul mineiro, retratando suas crenças, suas impressões e seus pensares. Além disso, a estátua da Mulher de Bronze, lenda que analisamos neste trabalho sobre a ótica da AD, é, também, um símbolo de respeito para muitos cidadãos itajubenses, que a consideram importante símbolo da cidade e figura ilustre, digna de fazer parte da História, não só por sua pessoa, mas pela representação daquilo que ainda não se conhece ou não se sabe se existe – a vida na eternidade. Desejamos que este trabalho revele o real valor da cultura e tradição de nossa região e sirva de inspiração para outras pesquisas sobre as lendas urbanas regionais e nacionais.

---

<sup>2</sup> Obra organizada por Eni P. Orlandi em parceria com o corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Univás. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2019/publicacoes/InstituicoesrelatosEniOrlandi.pdf>

<sup>3</sup> Lenda da manifestação demoníaca em um casarão da cidade de Borda da Mata, MG, por volta dos anos 1950, que gerou bastante especulação e foi difundida por toda a região sul mineira.

## 2. Movimento de Leitura da AD

*Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata; nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível.*

(Michel Pêcheux, *Delimitações, Inversões e Deslocamentos*)

A Análise de Discurso é um campo disciplinar cujo interesse se dá na compreensão da relação entre a linguagem e o meio social e histórico em que ela se insere. Buscando compreender a linguagem em seu funcionamento, a Análise de Discurso (AD) é uma área que se ampara na Linguística, no Materialismo Histórico e na Psicanálise, através de seus entremeios, para alisar e explorar seu objeto de estudo próprio, o discurso.

Optamos, neste trabalho, por analisar a lenda urbana da Mulher de Bronze por meio da linguagem e dos discursos. Assim, abordaremos neste capítulo as questões relativas à linguagem, para, por fim, adentrarmos as questões próprias do discurso.

Pêcheux (1969:72) afirma que “a língua constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido”. Esses sentidos, por sua vez, possuem relações estreitas com a memória discursiva e com a ideologia, sendo produzidos e reproduzidos sócio-historicamente. Ao dizer, o sujeito retoma sentidos pré-existentes e, continuamente, acaba por esquecer-se de que ele não é a fonte dos sentidos e de que o sentido sempre pode ser outro, já que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...)”. (PÊCHEUX, 2006, p. 53). Consequentemente, o dizer através da linguagem busca formações discursivas diversificadas, que determinam o que pode e deve ser dito a partir de um lugar em uma relação social (Pêcheux, 1997). Pode-se entender, então, que o sujeito, ao dizer pela linguagem, produz um discurso que é atravessado pela exterioridade.

A Análise de Discurso, em seu olhar direcionado, considera a língua em sua equivocidade e opacidade, ignorando a aparente transparência que ela possa ter, pois

O que se espera do dispositivo do analista é que ela lhe permita trabalhar não numa posição neutra, mas que seja relativizada em face da interpretação: é preciso que ela atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha, na materialidade. No trabalho da ideologia. (ORLANDI, 2015, p. 59)

O modo de compreender a língua, então, torna-se diferente da visão estruturalista que imperava até os idos dos anos 60. Para Orlandi (1990),

A linguística, na voga do estruturalismo, se colocou como ciência piloto das ciências humanas. Como retorno, foram-lhe colocadas questões que se originam nessa relação com as outras ciências. No entanto, elas ficaram sem resposta, pois para se constituir nesse lugar, a linguística teve, justamente, de se livrar disso que interessa mais de perto às outras ciências humanas e sociais e que diz respeito à relação da linguagem com a exterioridade. (ORLANDI, 1990, p. 26)

Os mecanismos ideológicos presentes na história do homem revelam a necessária relação da linguagem com a exterioridade. De acordo com Pêcheux (1995), não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, de modo que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. “O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia”. (ORLANDI, 2015, p. 43). Esses dizeres de Orlandi nos mostram o homem é constantemente exposto à necessidade da interpretação e se questiona a todo tempo sobre o real sentido dos discursos, como se “a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas.” (ORLANDI, 2015, p. 44). A ideologia, ainda na visão da autora, ocupa-se com a produção de evidências e possibilita ao indivíduo uma relação imaginária com as condições materiais de sua existência.

A ideologia não chega até o sujeito de modo abstrato, mas sim através de um meio - o discurso - estruturado pela linguagem e capaz de atribuir significação aos comportamentos e ideias, pois, ainda de acordo com Orlandi (2015:44), “podemos [...] dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.” Na reflexão sobre a ideologia, língua e linguagem recebem grande importância como mecanismos estruturais de estabelecimento de significados, o que nos mostra que nenhum sujeito pode fazer sua leitura de mundo estando desvinculado de uma ideologia, a qual se manifesta através da linguagem.

Pêcheux (1997) revela que nos tornamos sujeitos pela interpelação através da ideologia: “a existência da ideologia e a interpelação dos indivíduos enquanto sujeitos são uma única coisa”, em outras palavras, não é possível a existência do sujeito fora da ideologia. “A ideologia sempre/já interpela os indivíduos como sujeitos, o que quer dizer que os indivíduos foram sempre/já interpelados pela ideologia como sujeitos”. (Pêcheux, 1997, p. 82).

Compreende-se, então, que para a Análise de Discurso o sujeito não é a origem do dizer e nem o seu dono absoluto. Orlandi (2015) diz que

o dizer tem história. Os sentidos não se esgotam no imediato. Tanto é assim que fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores. Não temos controle sobre isso. Mas tentamos. (ORLANDI, 2015, p. 48)

Segundo Orlandi (2007), é através do discurso que se pode compreender a relação de incompletude existente entre linguagem/pensamento/mundo, já que, do ponto de vista da significação, não existe relação direta do homem para com o pensamento e o mundo. A existência dessas relações é possibilitada, de acordo com a autora, pelo discurso, que exerce o papel de mediar através das instâncias materiais essa complexa relação.

O discurso, então, pode ser entendido como um todo que, com sua materialidade, resulta dos processos de relações sócio-históricas, do simbólico e de seus efeitos na história. Para Orlandi (2015:20), “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”. Compreende-se, tomando o discurso como “efeito de sentido”, que é vã a busca pelo que um sujeito quis ou não quis dizer ou até mesmo a reflexão da correspondência do discurso à realidade.

Os pensares de Canguilhem (1990 *apud* PÊCHEUX, 1994) evidenciam que, na filiação teórica a qual a AD se insere, o sentido não existe em si, mas sempre é determinado em “relação a”. Pensando a relação de sentidos, pode-se elencar dois eixos de constituição do funcionamento da linguagem - a paráfrase e a polissemia -, responsáveis pela produção de significação através da repetição e da diferença. Orlandi (2015) considera que

[...] todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo o dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao

passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2015, p. 34).

As palavras de Orlandi revelam que todo discurso carrega em si uma dualidade produzida pelo jogo parafrástico, que caracteriza a matriz do sentido, e polissêmico, que representa a ruptura e o deslocamento dos sentidos, criando uma linha tênue entre aquilo que pode ser o mesmo e aquilo que pode ser diferente, pois “se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto falamos com palavras já ditas” (ORLANDI, 2015, p. 34). Os processos de significação, logo, não são únicos e movimentam-se através do jogo que há entre a paráfrase e a polissemia, além do já-dito e daquilo que ainda está a se dizer.

Sendo o discurso efeito de sentido entre interlocutores, pode-se afirmar que as práticas discursivas são constituídas por relações de força estruturadas por determinadas formações sociais em meio às quais os sujeitos trabalham e produzem seus dizeres. As condições da produção de um discurso compreendem, de acordo com Orlandi (2007), contextos sócio-históricos e ideológicos que, por sua vez, deslocam para a consideração dos efeitos de sentido elementos oriundos da sociedade e de suas instituições. As condições de produção, ao serem analisadas, deixam transparecer e fazem compreender o exterior da textualidade e a forma como um lugar social foi significado em discursos.

Para Orlandi (2015:37), “as condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores”. O primeiro fator é a relação de sentidos, proveniente das relações outras que sustentam o discurso, uma vez que “todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. (ORLANDI, 2015, p. 37). Outro fator de significativa importância é o mecanismo da antecipação, pelo qual o sujeito antecipa-se a seu interlocutor quanto ao sentido produzido por suas palavras, possibilitando que o sujeito diga de um modo ou de outro, a depender do “efeito que pensa produzir em seu ouvinte”. (ORLANDI, 2015, p. 37). A autora elenca, ainda, a relação de força como fator viabilizante, pois “podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. (ORLANDI, 2015, p. 37).

Esses fatores pelos quais o discurso funciona são aquilo a que se chama formações imaginárias, já que não instituem um sujeito físico, mas sim imagens resultantes de projeções. Ao comentar sobre as condições de produção do discurso, Nogueira (2017:77) afirma: “consideramos que as formações imaginárias constituem as condições de produção do discurso”.

Os processos discursivos não podem ser considerados como mera expressão de pensamentos. Na visão de Pêcheux (1995), a língua não é um mero instrumento de comunicação, uma vez que o sistema linguístico é dotado de relativa autonomia e submetido a leis internas, nas quais os processos discursivos se desenvolvem. Orlandi (2015) comenta que o sentido é determinado por posições ideológicas no processo sócio-histórico de produção das palavras e que “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2015, p. 40). Tem-se, então, o que Pêcheux (2014) define como formação discursiva:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Em consonância com os dizeres de Pêcheux, Orlandi (2015) afirma que

a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2015, p. 41).

Nota-se, portanto, que a formação discursiva é responsável pela produção de sentido a partir de uma posição-sujeito em que a ideologia interpela o sujeito e permite compreender o processo pelo qual há a produção dos sentidos. É importante salientar que as palavras não possuem uma obrigatoriedade de sentido, mas que derivam sentidos a partir das formações discursivas em que se inscrevem. Nessa perspectiva, é possível afirmar que

É isso que significa a determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos: nem fixados *ad eternum*, nem designados como se pudessem ser quaisquer uns. É porque é histórico (não natural) que se mantém. Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso. Nesse entremeio, nesse espaço de interpretação. A determinação não é uma fatalidade mecânica, ela é histórica. (ORLANDI, 2001, p. 103).

As formações discursivas podem ser encaradas como áreas de estabilização do interdiscurso - que disponibiliza dizeres determinados pelo já-dito, constituindo

uma formação discursiva em relação a outra já existente. “Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.” (ORLANDI, 2015, p. 41). Ainda de acordo com os pensamentos da autora, “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. (*Ibid*, p. 41).

Para Indursky (2007), o encontro entre sujeito, história e linguagem possibilita o estabelecimento de diferentes posições-sujeito, as quais se inscrevem em formações discursivas diversas. Na visão de Courtine (2009), o interior de uma formação discursiva é marcado por diferentes posições-sujeito, que são constituintes da relação que há entre enunciado e formulação.

Orlandi (2005), ao comentar sobre o sujeito discursivo, apresenta a ideia de posição que um sujeito pode ter perante a outros, explicando que o lugar ocupado pelo sujeito o coloca como sujeito de sua fala, já que “é a posição que deve e pode ocupar todo o sujeito para ser sujeito do que diz”. (ORLANDI, 2005, p. 49). Para elucidar essa questão, a autora faz uso do seguinte pensamento de Pêcheux:

O modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui. Da mesma maneira, a língua também não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata da significação pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia. (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 2005, p. 49).

Para Nogueira (2017), a posição-sujeito tem maior relevância que o lugar social. Dito de outro modo: o interesse maior é como, de um lugar social, se projetam as posições-sujeitos possíveis. As posições significam o discurso através da relação da memória discursiva, do contexto sócio-histórico determinado pela relação com o ideológico.

O sujeito é um dos pilares centrais da Análise de Discurso pecheutiana. Orlandi (2002, p. 65) afirma que a AD “é a forma de conhecimento que se realiza em seu objeto - o discurso - pela conjunção desses três modos de opacidade: a do sujeito, a da língua e a da história”, sendo possível afirmar, então, que o sujeito é tomado pela AD de forma muito particular e específica, de forma distinta dos estudos que precedem essa teoria.

Na perspectiva da Análise de Discurso, o sujeito é constituído por esquecimentos de seus determinantes, ou seja, o sujeito não é capaz de perceber que é constituído por um processo de significação na e pela linguagem através da interpelação ideológica e de identificações imaginárias a determinados sentidos. Dessa forma, o sujeito é encarado como um ser de linguagem, que traz marcas de outros discursos e que não é a origem de seu próprio discurso e que não controla o que diz e os desdobramentos de seu discurso.

Pensar a lenda urbana pelo viés da AD é justamente pensá-la como um discurso outro, que não é único e que sempre está em processo de modificação; é pensá-la como um discurso de origem indetectável, mas de implicações pontuais e centradas na funcionalidade através do mecanismo de convencimento ou de descredibilidade. É um discurso outro porque o sujeito que a conta não é sua origem, mas sim um propagador do discurso que pode não ter presenciado o fato narrado, mas que conhece alguém que o presenciou ou que já ouviu tantas histórias e relatos que simplesmente se constitui na lenda e se reconhece como quem é parte desse enredo.

A teoria da Análise de Discurso dialoga, em muitos pontos, com a Psicanálise de Lacan (1901 - 1981). Pêcheux (1988, p. 133) diz, retomando Lacan, que “o inconsciente é o discurso do Outro”, o que é possibilitado quando analisamos uma lenda e percebemos que os discursos estão sempre interligados, sem necessariamente serem iguais, mas com semelhanças várias. No entanto, é possível identificar nesses discursos determinada formação discursiva e suas imbricações. O sujeito não percebe seu discurso ser constituído pelo outro e por uma rede de significantes, acreditando, muitas vezes, ser a origem daquilo que diz e até mesmo de seus pensamentos e atos.

O sujeito itajubense, da mesma maneira, não percebe, ao repetir os relatos sobre a lenda da Mulher de Bronze, *que há um discurso outro por trás de sua fala, já influenciada pelos discursos de seus interlocutores*. Entretanto, a lenda da Mulher de Bronze já está imbricada no cidadão itajubense desde quando ele se reconhece como sujeito de fala, uma vez que já é submetido, desde seu nascimento, às culturas orais de sua região.

Esse discurso sobre a lenda é passível de desvios e de equívocos, pois sua transmissão se dá de falante para falantes, sujeitos esses que não ignoram cultura,

história e sociedade, enfim, o meio no qual estão inseridos. Assim, produzem-se efeitos naquilo que é dito e no modo como a transmissão é realizada. É por isso que existem, nesse processo, inúmeras marcas, as quais podem alterar o discurso. Para Pêcheux (1988, p. 301), “não há ritual sem falhas” e, por isso, o discurso está em constante reestruturação.

Desse modo, pode-se perceber que o discurso não é construído pelo sujeito em independência de seu inconsciente e de suas relações sociais, mas sim um ato que somente pode ser compreendido por meio das determinações do sujeito e da possibilidade de transgressão das normas e da criação do novo.

A lenda urbana, também, não é construída sem relações de discurso e sem a possibilidade de desvio. A cada discurso, novos elementos e acontecimentos podem ser inseridos ou apagados, mas sempre há um discurso do inconsciente, que está lá adormecido e só é acordado no momento em que a lenda está em seu processo de transmissão.

Em Itajubá os discursos sobre a lenda da Mulher de Bronze são vários e podem, também, ser outros. Porém, os discursos sobre ela sempre nos levam aos elementos comuns, apresentados através de experiências individuais com a estátua e com os discursos sobre ela. O que fica em evidência, aqui, é que falar sobre a Mulher de Bronze e conhecer sua história é reconhecer-se como sujeito itajubense, como sujeito que pertence a essa terra e que a ele pertence essa lenda. O itajubense se reconhece pela lenda e constrói sentidos por meio dela.

As lendas, os mitos, os relatos fantasiosos e os causos fazem parte não só da cultura, mas da memória de um povo. A oralidade, muitas vezes, é utilizada pelos mais velhos para transmitir essas lendas aos mais jovens e garantir a continuidade dessas lendas. A preservação da memória tem, sobretudo, o sentido de perpetuar por gerações as histórias que constituem um povo.

A lenda urbana da Mulher de Bronze possui intrínseca ligação com a memória. A geração atual e as futuras gerações da cidade de Itajubá não tiveram a oportunidade de conhecer a senhora que foi imortalizada através de uma estátua e que, mais tarde, viria a ser a maior lenda do município, mas ainda convivem com seus vestígios, muito disso por causa da memória.

Pêcheux, ao abordar a memória, considera importante que o acontecimento discursivo seja analisado a partir das mudanças invocadas por acontecimento histórico. Assim, Pêcheux define a memória discursiva:

“[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos e etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (1995, p. 52).

Quando contamos uma história, estamos sempre em referência a um processo discursivo já dito anteriormente. Mais do que isso, estamos nos constituindo como sujeitos no processo discursivo e, ao mesmo tempo, construindo e desconstruindo memórias. Tanto o sujeito quanto a memória são constituídos de práticas políticas e produzem conhecimentos, efeitos e memórias outras.

Toda memória, assim como todo discurso, permite inúmeras repetições e, por isso, os sentidos deslocam-se. Isso explica o porquê de algumas lendas terem variadas versões, cada uma com características próprias, mas sempre com um ponto em comum. As repetições incorporam ao discurso as marcas pessoais de cada sujeito, as impressões e interpretações de cada um.

### 3. Dizendo sobre as lendas e mitos

*“Há mais coisas entre o céu e a Terra do que sonha nossa vã filosofia.”*

(William Shakespeare)

Sempre há uma história a ser contada. Uma história de afeto, uma história de saudade, uma história de conquista, uma história fantástica e tantas outras histórias mais. Elas, enfim, permeiam o sujeito e, de certa forma, o completam. No passado, o dificultoso acesso ao saber e à cultura eram propícios a um obscurantismo no qual as sociedades estiveram imersas por longo período. A criação de novas histórias e de muitas lendas, que, geralmente, eram a única maneira de explicar aquilo que fugia à compreensão humana auxiliavam na criação de uma cultura social, na qual as lendas e mitos concediam respostas às questões até então sem solução. Assim, as lendas e histórias forneciam o conforto necessário e tentavam acalmar as mentes barulhentas. É importante ressaltar que, na atualidade, apesar de todo o desenvolvimento propiciado pela ciência, ainda é comum que lendas e mitos sejam utilizados para a explicação de fatos, como, por exemplo, o surgimento do Chupacabra<sup>4</sup>, tomado pela população como solução para casos de ataques misteriosos a animais. Enquanto a ciência, através de pesquisas criteriosas com DNA coletado de animais vitimados pela figura lendária, definiu o monstro como coiotes, a população ainda preferiu acreditar na ideia do monstro assombroso. Assim, é possível perceber a dualidade que existe entre a ciência e as lendas, em que, mesmo havendo uma verdade revelada, o lendário ainda pode permanecer.

Historicamente, nota-se que o contexto tumultuado que pairava sobre a sociedade em épocas passadas, mais especificamente durante a Idade Média (476 d. C. - 1453), também conhecida como a “Idade das Trevas”, favorecia a utilização das lendas em variadas situações, desde as ciências até a literatura. A mitologia Celta, por exemplo, em países como a Irlanda e o País de Gales, introduziu, à época, os rituais em agradecimento pela colheita que, séculos mais tarde, ocasionou a

---

<sup>4</sup> Lendária figura vampiresca, que supostamente mutilava animais, especialmente cabras, sugando todo o seu sangue. Os primeiros casos de que se tem relato surgiram na América Central, no fim da década de 1990, causando grande pânico na população e inúmeras especulações.

criação de lendas que culminaram nas festividades que hoje são conhecidas como “Halloween” ou “Dia das Bruxas”, em português.

Podemos citar, também, o renomado poeta português Luís Vaz de Camões (1524-1579), que narra e exalta, em sua epopeia “Os Lusíadas” (1572), as gloriosas conquistas do povo português, fazendo uso das lendas como recurso explicativo e imagético na esperança de, talvez, revelar os mistérios que as águas e terras além-mar guardavam. Estão, dentre as inúmeras lendas utilizadas por Camões em sua obra, as lendas míticas do Gigante Adamastor, um enorme monstro de pedra que atacava embarcações e ceifava a vida de seus tripulantes, simbolizando o Cabo das Tormentas, região famosa pelos naufrágios lá acontecidos; e a lenda da Ilha dos Amores, lugar mágico e repleto de ninfas que serviu como um presente dos deuses para recompensar a bravura dos navegadores portugueses.

Séculos depois, o célebre escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948) recheou suas obras infantis com lendas e historietas do folclore brasileiro. A presença de personagens lendários na série de livros “Sítio do Picapau Amarelo”, publicada originalmente entre 1920 e 1947, converteu a obra em grande sucesso. Saci-Pererê, Cuca, Mula-sem-cabeça e inúmeras outras personagens lendárias ganharam vida nas obras de Lobato e encantaram muitas crianças ainda mais. Em tais obras as personagens lendárias já não são utilizadas pelo autor com a função de explicar algo que fugisse às mentes dos pequenos leitores, mas sim de encantá-los.

As lendas são assim: elas contam, encantam e, então, perpetuam-se no tempo. São, geralmente, narrativas simples e comuns que buscam relatar histórias, acontecimentos ou crenças, sendo desprovidas do caráter singular, uma vez que possuem tom popularesco e apresentam variadas versões sobre um mesmo fato. Por esta singularidade, as lendas permitem desdobrar-se em histórias outras e originam uma vasta gama de novas e, às vezes, repetitivas lendas.

Importante, neste momento, entendermos o que a palavra “lenda” significa realmente. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (HOLANDA, 2010, p. 1251), a verbete lenda é assim significada:

**“lenda** [Do lat. *legenda*, ‘coisas que devem ser lidas’.] **S. f. 1.** Tradição popular; [...] **2.** Narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética; *legenda*. **3. Fig. V. mentira** (1). **4.** Lenga-lenga. **Lenda urbana:** História fantasiosa, ou sem comprovação científica, que circula de boca em boca.” (grifos do autor).

Tomamos neste trabalho a definição nº 2 como significação do que vem a ser uma lenda. Interessantes notar que o dicionário também aponta como definição de lenda os termos “mentira” e “lenga-lenga”, revelando que elas constituem o imaginário de um povo, preservando a memória, a cultura e a história de sua gente. Por esse motivo, estão diretamente ligadas aos mitos, utilizados desde a Grécia Antiga para explicar as maravilhas e mistérios do mundo, os fenômenos naturais e as origens da Terra e do universo. Moreira (2010, p. 22) afirma que “as fronteiras entre os gêneros são fluidas”. Assim, “um mito que se historiciza se transforma em lenda [...]; de forma inversa, uma lenda que se transpõe para o mundo dos deuses se torna um mito [...], e assim por diante” (MOREIRA, 2010, p. 22).

Urge, também, buscarmos a definição dicionarista do termo “mito”:

**“mito** [Do gr. *mythos*, ‘fábula’ pelo lat. *mythu*.] **S. m.** **1.** Narrativa dos tempos fabulosos ou heroicos. **2.** Narrativa da qual aparecem seres e acontecimentos imaginários, que simbolizam forças da natureza, aspectos da vida humana, etc. **3.** Representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição, etc. **4.** Pessoa ou fato assim representado ou concebido: [...] **5.** Ideia falsa, sem correspondente na realidade [...]. **6.** Representação (passada ou futura) de um estágio ideal da humanidade [...]. **7.** Imagem simplificada de pessoa ou de acontecimentos, não raro ilusória, elaborada ou aceita pelos grupos humanos, e que representa significativo papel em seu comportamento. **8.** Coisa inacreditável, fantasiosa, irreal; utopia. **9.** *Antrop.* Narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo, tendo ger. a forma de um relato sobre a origem de determinado fenômeno, instituição, etc. e pela qual se formula uma explicação da ordem natural e social e de aspectos da condição humana. **10.** *Filos.* Forma de pensamento oposta à do pensamento lógico e científico. (HOLANDA, 2010, p.1405, grifos do autor)

Dos inúmeros significados apresentados pelo dicionário, as definições nº 3, 7 e 9 estão mais próximas daquelas apresentadas pelos pesquisadores da área, como é o caso de Sears (2015), cujos estudos nos mostram que os mitos não podem ser considerados como histórias de ficção e diferenciam-se delas em diversas características, estando a criação em primeiro lugar. Mitos não são criados por um autor único, e, por serem recontados variadas vezes, evoluem. As interpretações orais desses recontos criam um enredo, repassado oralmente a inúmeros sujeitos, e assim outros enredos são criados. “Como os mitos são contados e recontados, transmitidos de uma pessoa para outra, muitas vezes há mais de uma versão da mesma história” (SEARS, 2015, p. 12).

Outra característica de suma importância para os mitos, segundo Sears (2015), é a tentativa de explicar aquilo que se é desconhecido, tentando responder questões fundamentais que rondam as pessoas e as encham de suposições. Para o

referido autor, a curiosidade está diretamente ligada aos mitos, uma vez que ela é a responsável por levar os sujeitos a questionarem e a responderem as divagações cotidianas. “Os mitos eram formados para fornecer explicações para essas questões, que de outra forma não tinham resposta” (SEARS, 2015, p. 13).

Além disso, os mitos podem estar, também, ligados à religiosidade, envolvendo, muitas vezes, um ser superior, em que deuses ou seres sobrenaturais são adorados, venerados e, algumas vezes, temidos. Por isso, Sears (2015) afirma que, em casos assim, um mito pode ser tomado como verdade. Essa última característica é a responsável por diferenciar mitos e lendas. Orlandi (2016) também comenta sobre isso

a lenda sempre traz um fundo de verdade e são estórias fantásticas que têm uma origem histórica, construindo personagens que se apresentam como sobrenaturais. Para diferentes teóricos, entretanto, o que faz diferir o mito (deuses) da lenda, é que no mito a história é verdadeira, e na lenda (homens), é falsa (ORLANDI, 2016, p. 23).

Lopes (2005), ao comentar sobre os modos de transmissão da lenda, afirma que estes são variados. Segundo o autor, as lendas podem encaixar-se em uma conversação que permita o desenrolar dessas histórias, mesmo que elas não sejam o teor principal da conversa. O autor afirma, ainda, que as lendas podem chegar ao interlocutor como um sobreaviso, uma precaução e até levantar um rumor. Benicá (2018) afirma que, no que diz respeito à transmissão, as lendas tradicionais são transmitidas exclusivamente através da oralidade.

Por seu caráter intimamente ligado à oralidade, é possível perceber que as lendas não são estáveis. Orlandi (2016) afirma que as lendas, contos e causos se constituem para circular em diferentes formulações. Por isso, “*não há senão versões* (2001, apud 2016, p. 23). ”

Ellis (2001), ao comentar sobre as lendas, afirma que não existe uma história padrão, mas sim um imenso conjunto de narrativas possíveis com as quais um emissor pode vir a associá-las. Sobre isto, o autor diz que

[...] existe também um conjunto limitado de narrativas possíveis que cada uma das partes poderia construir no futuro *em resposta* a essas narrativas existentes. Isso quer dizer que o que quer que proponhamos como sendo “uma lenda” não é uma trama subjacente, mas sim um ímpeto social de criar novas narrativas no formato das antigas. (2001, p. 8 apud Lopes, 2005, p. 36)

A leitura dos trechos de Orlandi e Ellis revela que as lendas não devem ser compreendidas como textos fechados e imutáveis, mas sim como processos discursivos carregados de questões ideológicas, que, ao circular, produzem a permanência ou não de uma lenda, “mantendo a narrativa ativa, mantendo a presença desta narrativa no imaginário social” (Orlandi, 2016, p. 38).

### **3.1 As lendas urbanas**

As lendas urbanas são narrativas que fazem parte de nosso cotidiano. Moura (2014) as define como testemunhos da permanência oral ligados ao sobrenatural, ao mistério ou ao extraordinário. São, em sua maioria, baseadas em um fato real e propõem uma explicação alternativa para um determinado acontecimento assombroso. As lendas urbanas são revestidas de indícios como datas e detalhes do local em que ocorrem, o que lhes confere certo ar de verossimilhança realista.

O ser humano é rodeado de historietas classificadas como lendas urbanas. Na visão de Lopes (2007), elas nos alcançam através dos mais diversos meios, dentre eles as conversas informais com as pessoas com as quais nos relacionamos cotidianamente, os jornais – sejam eles sensacionalistas ou não –, os e-mails encaminhados por dezenas de remetentes, e até pelos filmes e séries populares da mídia.

Somos alcançados pelas lendas urbanas constantemente e, na maioria dos casos, sempre de forma inesperada. Algumas delas, mais do que surpresa ou espanto, causam incredulidade naqueles que as ouvem.

Em suas narrativas, as lendas urbanas têm o poder de dar vida à cultura popular, pois, mesmo que tratem de temáticas há muito já desgastadas nas conversas humanas, como fantasmas e aparições, fornecem sustento à arte da narrativa. Nota-se, então, o valor que as lendas urbanas possuem em si e o porquê elas constituem uma interessante ferramenta de estudo e análise.

### 3.2 Lendas Urbanas e Discursividade

As lendas urbanas, por seu caráter intimamente ligado à narratividade, podem ser consideradas práticas discursivas. Elas são dotadas de regularidade, porém não se dão de forma única em um texto fechado e esquematizado. Para Orlandi (2001) o texto é um local privilegiado de escuta dos *processos discursivos* que não se iniciam nem se encerram nele. O texto serve de materialidade para o vislumbre de como o discurso se filia a uma memória do dizer. Por esta característica, o texto deve ser visto como um mecanismo de construção de sentidos e não como reflexo de uma realidade exterior. Orlandi entende o texto como um processo discursivo abrangente e, assim sendo

*“Uma vez atingido [por meio da análise] o processo discursivo que é o que faz o texto significar, o texto, ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles – e outros que nem mesmo conhecemos – são parte. Não são pois só aqueles textos os responsáveis pelos processos de significação que se atingem, e eles não estão tampouco relacionados só aos processos que eram objeto de sua análise. Eles são matéria provisória de análise.” (Orlandi 2001:89)*

As lendas urbanas, portanto, não possuem uma versão definitiva, mas reativam uma memória de um dizer. Elas se materializam em meio às práticas discursivas nas quais se inserem e se afirmam, reafirmam e contestam seus dizeres e suas formas. Elas se constituem pelo seu deslocamento nas relações contraditórias entre suas diferentes formações discursivas, já que

*“os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva.” (Pêcheux, 1984, p. 158) (grifo do autor)*

Assim, Pêcheux nos indica que “o interdiscurso, longe de ser o efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento”, ou seja, que ele não é local de agrupamento das formações discursivas e dos sentidos, como se estes fossem pré-existentes a ele, mas sim as suas possibilidades.

É possível notar que o sentido não é algo específico de uma formação discursiva, que um objeto discursivo – a lenda, em nosso caso, não tem um sentido inicial que pode ser utilizado por outras formações discursivas em ocasiões distintas,

mas que ele se constitui pelo seu deslocamento na relação contraditória entre as diferentes formações discursivas. Intrinsecamente ligada à noção de “interdiscurso”, podemos perceber que a noção de “memória discursiva” é constituinte do discurso das lendas, pois há algo “que fala antes” e que fornece a possibilidade de significação. Pêcheux (1990, p. 145 *in* ORLANDI, 2011b) expõe o caráter material da memória discursiva, indicando que o termo interdiscurso caracteriza “um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência”. Assim, podemos dizer que o interdiscurso é um “espaço de memória” que, por sua vez, possibilita a significação de uma sequência discursiva, sendo a materialidade da memória discursiva o “já-dito”, que funciona como um “não-dito” em um determinado discurso.

No caso da lenda, há sempre um discurso outro por trás da história contada, influenciando novas versões para aquilo que é relatado, muitas vezes não presenciadas, mas com os efeitos sentidos por quem conta e assume, repetidamente, uma história por outra pessoa vivenciada, tomando-a para si, até mesmo sem perceber. O que interessa, em casos assim, é a formulação da lenda e seus efeitos de sentido, o modo como ela atinge quem a escuta e dela partilha. Para o sujeito itajubense, reconhecer a lenda da Mulher de Bronze e partilhar de algo que é pertinente a sua terra e traz consigo efeitos de sentido diversos por meio de uma memória, que vão desde o pavor até o respeito, uma vez que, nas palavras de Orlandi (2010b), a “memória [...] é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido”.

#### 4. A lenda urbana da Mulher de Bronze

*“Abre os olhos à Vida e fica mudo!  
Oh! Basta crer indefinidamente  
Para ficar iluminado tudo  
De uma luz imortal e transcendente.”*

*(Cruz e Sousa, Imortal atitude)*

O sul mineiro é uma região repleta de casos e causos. As lendas urbanas aqui são profundamente difundidas e temidas por aqueles que as conhecem. Muitos relatos surgem a partir das historietas vivenciadas na região e acabam por ocasionar o surgimento de uma história fantasiosa compreendida como lenda urbana.

São inúmeras as lendas urbanas desta região, como a do já anteriormente citado Capeta da Borda, em Borda da Mata, a do Corpo Seco de Pouso Alegre<sup>5</sup>, a do Quadro Amaldiçoado<sup>6</sup>, em Santa Rita do Sapucaí e a da Noiva Fantasma de Maria da Fé<sup>7</sup>. Todas essas lendas são narradas com riqueza de detalhes pelas pessoas que residem nos municípios onde houve tais manifestações, sendo, algumas vezes, até evitadas as suas narrativas, uma vez que devido à religiosidade de nosso povo, falar de algo é evoca-lo. Assim, muitas pessoas preferem não comentar essas histórias, apesar de conhecê-las e, algumas vezes, terem presenciado algo supostamente relacionado a essas manifestações assombrosas.

Embora existam muitas lendas na região, o destaque e estudo, neste trabalho, é a lenda urbana da Mulher de Bronze, ocorrida e difundida na cidade de Itajubá, município de aproximadamente cem mil habitantes localizado próxima à divisa com o Vale do Paraíba paulista, com forte vocação industrial e universitária, mas que ainda

---

<sup>5</sup> Lenda que retrata uma figura, possivelmente masculina, de corpo ressequido, que teria maltratado sua mãe enquanto vivia e que hoje vaga pelas matas da região, perseguindo quem maltrate os pais ou invada suas terras.

<sup>6</sup> Lenda acerca de uma pintura que retrata um bebê desconhecido, com face risonha e que brinca de tocar um piano, e que, tendo sido encontrada por estudantes em meio ao lixo, foi por eles levada e exposta num dos corredores da república onde moravam. A partir disso, começam a acontecer, supostamente, mudanças na república, como o aparecimento da pintura em locais diferentes do qual havia sido colocada, o impedimento da escuta dos sons exteriores da república e visões misteriosas por parte dos estudantes que lá moravam.

<sup>7</sup> Lenda que narra os avistamentos de uma mulher que vaga durante as madrugadas pela rodovia que liga os municípios de Maria da Fé e Cristina trajando vestes brancas, semelhantes a um vestido de noiva.

mantém tradições orais ricas e fantasiosas, como é o caso da lenda da Mulher de Bronze.

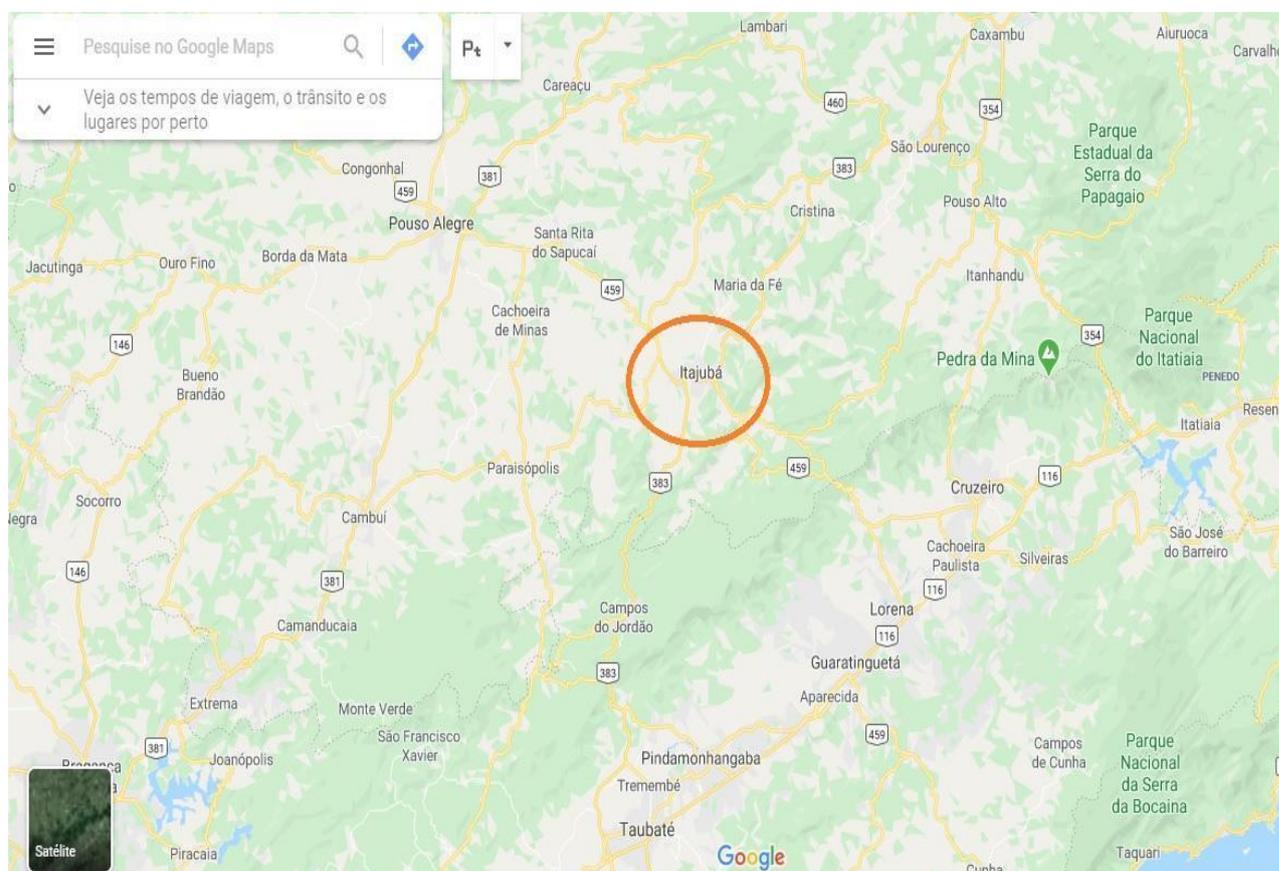


Figura 1 - Localização geográfica do município de Itajubá

Fonte: Google Maps (2020).

A referida lenda diz respeito a uma estátua de bronze em tamanho real e posta no cemitério paroquial da cidade, em frente ao jazigo de Dona Gabriella de Moura Fonseca, aquela que serviu de inspiração para a estátua. Ao comentar a história, Guimarães<sup>8</sup> (1987) diz:

“Dona Gabriella de Moura Fonseca nasceu no ano de 1850 e faleceu aos 04/11/1918. Esta digna senhora se tornou um vulto inesquecível do Itajubá de ontem por uma circunstância sobremaneira curiosa: pela sua estátua, em tamanho natural, colocada junto ao seu jazigo, em nosso cemitério. Ficou sendo popularmente conhecida por A MULHER DE BRONZE. Se as gerações atuais não a conhecem por sua história, no seio de nossa sociedade, ninguém a desconhecerá enquanto durar sua imagem, ao lado

---

<sup>8</sup> José Armelino Bernardo Guimarães, nascido aos 06/03/1915 e falecido aos 22/09/2004, foi um importante historiador itajubense, tendo se dedicado a escrever a História de Itajubá, autoridade máxima na História do município. Trabalhou para jornais da cidade, escrevendo biografias e genealogias itajubenses. Foi membro da Academia Itajubense de Letras. Era neto do romancista Bernardo Guimarães, autor de A Escrava Isaura.

esquerdo de quem entra pelo portão principal em nossa necrópole. ”  
(Guimarães, 1987 apud Silva, 2013, p.35)

Diz a lenda que dona Gabriella era uma mulher de posses. Sua naturalidade é incerta, mas há indícios de que ela tenha nascido em algum município do sul do estado do Rio de Janeiro. Fixou residência em Itajubá ao casar-se com o senhor José da Cruz Fonseca, nobre comerciante itajubense da época e dono da “Casa Fonseca”. Pouco tempo depois do casamento, nasceu o senhor Euclides de Moura Fonseca, filho do casal. A senhora Gabriella levou vida pacata e caridosa, mas imortalizou-se de modo inusitado: através de uma estátua moldada a sua imagem e semelhança.

A história começa quando dona Gabriella faz uma viagem familiar à vizinha paulista Guaratinguetá. Um retrato de dona Gabriella foi tirado num momento em que ela estava distraída na porta de uma capela, localizada às margens da ferrovia que interligava Guaratinguetá e Aparecida. Segundo dizem, a fotografia teria sido tirada pelo senhor Euclides, seu filho. Por ser supersticiosa, dona Gabriella nunca teria tirado outro retrato em vida.



Figura 2 – Dona Gabriella de Moura Fonseca em Guaratinguetá/SP

Fonte: Casa Paroquial - Paróquia Nossa Senhora da Soledade - Itajubá/MG (2019).

Dona Gabriella falecera poucos anos depois, aos quatro dias do mês de novembro do ano de 1918, acometida pela Gripe Espanhola. Sobre sua morte, o

Jornal “O Sul de Minas” retrata, em reportagem sobre a Gripe Espanhola<sup>9</sup> no município de Itajubá, na edição de 22/04/2020, que

“Uma das vítimas da gripe espanhola em Itajubá foi a mulher que é homenageada com a famosa estátua no cemitério paroquial da cidade. A “Mulher de Bronze” era Gabriella de Moura Fonseca, que morreu vítima da gripe no dia 4 de novembro de 1918. Sua morte foi noticiada em jornais de circulação nacional, como o “Correio da Manhã” e “O Paiz”. ” (Gonçalves, 2020)

Seu filho quis homenageá-la e mandou cunhar na França uma estátua de bronze em tamanho real inspirada na fotografia por ele tirada. Acontece que o senhor Euclides não comentou tal fato com mais ninguém e, após encomendar a estátua, mudou-se de Itajubá. Começa, então, a confusão.

A estátua, cunhada por Antoine Sartori, chegou ao Brasil em 1925. No porto do Rio de Janeiro, onde foi recebida, ninguém sabia quem estava retratada na estátua e, muito menos, o destino dela. Tempos depois, descobre-se que a estátua teria sido encomendada por um cidadão de Itajubá. Os portuários trataram, então, de encaminhá-la à estação ferroviária e endereçá-la a Itajubá.

Depois de longa viagem pelos trens da Rede Mineira de Viação, a estátua chegou a Itajubá. Ninguém, mais uma vez, soube o que fazer com a estátua. Decidiram, pois, guardá-la nos galpões da Rede Mineira de Viação, já que não sabiam o que fazer com a estátua. Muitos maquinistas, quando cumpriam suas viagens e precisavam pernoitar em Itajubá, adentravam desavisados os galpões da Rede e tomavam um grande susto ao se depararem com a estátua. Surgem, assim, os primeiros boatos relacionados à estátua: ela estava assombrando os galpões da Ferroviária.

O prefeito, à época, ao tomar conhecimento das histórias, foi visitar a estátua e pensou tratar-se de dona Amélia Braga<sup>10</sup>, benfeitora da cidade ligada à educação, e resolveu levá-la a uma das praças que seria inaugurada com nome de dona Amélia. No dia da inauguração da praça, a população vibrava. Estavam felizes com todo o

---

<sup>9</sup> Reportagem acerca das mortes por Gripe Espanhola em Itajubá entre os anos de 1918 e 1919. Disponível em: <https://osuldeminas.com/noticias/itajuba-esteve-bastante-presente-no-noticiario-durante-epidemia-de-gripe-espanhola-ha-mais-de-100-anos/>

<sup>10</sup> Amélia Cândida Vianna Braga, nascida aos 20/02/1854 e falecida aos 12/08/1925, foi uma grande benemérita da cidade de Itajubá, contribuindo financeiramente para a construção de escolas, inauguração da rede elétrica, funcionamento da Santa Casa de Misericórdia e providenciava a instalação de bondes elétricos na cidade quando de sua morte. Informações disponíveis em: [http://www.oguiadeitajuba.com.br/Personalidades/Pers\\_A/Amelia-Braga.php](http://www.oguiadeitajuba.com.br/Personalidades/Pers_A/Amelia-Braga.php)

reconhecimento que dona Amélia recebera ainda no ano de seu falecimento. E foi naquele momento que uma quituteira, que acompanhava o evento atentamente, gritou: “- Não, a estátua não é dona Amélia. Essa é dona Gabriella. É um engano! ”. O prefeito, desconsertado, mandou guardarem a estátua novamente nos galpões da ferroviária. E a praça ficou sem o busto de dona Amélia.

Após contato com o senhor Euclides, ficou confirmado que a estátua era de dona Gabriella. Os familiares decidiram, então, construir um mausoléu para a família. A foto de dona Gabriella serviu de inspiração mais uma vez e foi construída, no Cemitério Paroquial, uma capelinha idêntica àquela de Guaratinguetá, tonando-se um mausoléu de família. A estátua foi, finalmente, colocada em frente ao mausoléu de dona Gabriella e lá permanece até hoje.



Figura 3 – Mulher de Bronze e seu mausoléu

Fonte: Prefeitura Municipal de Itajubá (2019).



Figura 4 – Interior do Mausoléu da Mulher de Bronze

Fonte: Arquivo Pessoal

O mausoléu, localizado próximo à entrada principal do cemitério, e a estátua, muito realista, tanto pelo tamanho como pelo olhar penetrante, começaram a chamar a atenção e incomodar os munícipes que visitavam o cemitério. Para aterrorizar um pouco mais, mausoléu e estátua ficam localizados à esquina da rua treze, número de azar que contribui para o clima sombrio.



Figura 5 – Estátua da Mulher de Bronze

Fonte: Arquivo pessoal

A lenda ganha novo e principal capítulo quando, já por volta dos anos 60, os estudantes do antigo IEI - Instituto Eletrotécnico de Itajubá, atual Unifei – Universidade Federal de Itajubá, em época de início de curso, o que hoje é conhecido como “trote universitário” foram desafiados a retirarem a estátua do cemitério. Famosos por suas molecagens na cidade, os estudantes aceitaram o desafio. Conta-se que os estudantes naturais de Itajubá se recusaram a participar da brincadeira, uma vez que tinham grande respeito – e até certo medo – pela estátua e que coube aos estudantes advindos de outros municípios a execução da traquinagem. Numa determinada noite, os estudantes pularam as grades do cemitério e, não se sabe como, transportaram a estátua até a principal praça do município, a praça Theodomiro Santiago, localizada no Centro da cidade. É considerável afirmar que na atualidade isso não mais é possível, pois a estátua encontra-se chumbada ao chão frente a seu jazigo. Na manhã seguinte à traquinagem, os cidadãos que saíram cedo de suas residências para cumprir suas jornadas de trabalho e passaram pela praça Theodomiro Santiago foram surpreendidos ao encontrarem a estátua do cemitério em meio à praça. Surge aí um grande boato: o de que a estátua teria descido para o Centro da cidade sozinha utilizando das forças sobrenaturais durante a noite. Após isso, inúmeros boatos e lendas surgiram e permeiam até hoje o imaginário dos itajubenses.

Desde então, a Mulher de Bronze tem sido tema recorrente na cultura local, estando presente desde as conversas informais, através dos boatos e relatos, como na literatura e nas artes. Em 2007, artistas do município gravaram um curta-metragem fictício chamado “Mulher de Bronze<sup>11</sup>” narrando os mistérios e aparições da estátua. A história é sobre um homem que, sobrecarregado pelo trabalho, anda pelas ruas à noite resmungando até que encontra uma senhora de vestido longo e cabelos presos sentada num banco de praça, apoiando-se num guarda-chuva. O rapaz, então, senta-se ao lado dela para conversar e a situação se repete por vários dias até que, toma coragem de perguntar o nome da senhora e, em seguida, pede indicação de números para jogar na loteria. A senhora prontamente responde 18 e 70, afirmando ser apenas um palpite. O rapaz, agradecido, entrega a ela um pacotinho de amendoins que havia ganhado mais cedo. No dia seguinte, ao chegar ao seu local de trabalho, o homem descobre que seu patrão havia falecido e que seria sepultado à tarde naquele mesmo

---

<sup>11</sup> Curta-metragem de dezesseis minutos gravado pelo estúdio Narrarte, em 2007, em Itajubá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQoNK21YP48>

dia. Ao chegar no cemitério, o cortejo passa ao lado de uma estátua que desperta a curiosidade do homem e, ao analisá-la, percebe que ela trajava vestido e tinha um guarda-chuva em uma das mãos, enquanto a outra mão segurava um pacotinho de doces. Em seguida, ao olhar para a lápide ao lado da estátua, o rapaz percebe que a pessoa ali sepultada possuía o mesmo nome da senhora com quem ele conversava todos os dias à noite na praça e, coincidentemente, havia nascido em 1870, números que ele recebera como palpite para jogar na loteria. O homem, então, se desespera e sai correndo aos gritos do cemitério e, quando chega ao centro da cidade, encontra uma casa lotérica, dando a entender que ele ganharia o jogo que fizera por sugestão da mulher fantasma. Tal desfecho corrobora com algumas versões da lenda que circulam na cidade afirmando que, na verdade, a estátua também ajuda aqueles que dela precisam.



Figura 06: Cenas do curta-metragem "Mulher de Bronze"

Fonte: reprodução da internet

A lenda também já foi tema de reportagens televisivas: a primeira em 2008, produzida pela Rede Record<sup>12</sup>, e a última em 2018, pelo EPTV Sul de Minas<sup>13</sup>, canal associado à Rede Globo.

Na reportagem da TV Record foi contada a história de dona Gabriella e os mistérios que a envolvem, apresentando, para tal, depoimentos de algumas pessoas do município, com destaque para o administrador do cemitério à época, senhor João, que definiu a estátua como um símbolo do cemitério, senhor Carlos Lara, que atuou no curta-metragem aqui já citado e que relatou as peças que pregava em suas primas quando passavam em frente ao cemitério e viam os olhos da estátua brilharem, a senhora Lúcia, que contou à repórter que não aceitava o falecimento de sua mãe e, certa vez, ao visitar o túmulo dela, ao chorar desconsolada, sentiu uma mão pairar sobre seus ombros e, virando-se, viu algo que acreditava ser a Mulher de Bronze, e o professor Tarcísio, estudioso da história do município que fez alguns relatos sobre pessoas que tiveram algum contato sobrenatural com a estátua.



Figura 07: cenas da reportagem da TV Record em 2008.

Fonte: reprodução da internet (2021)

<sup>12</sup> Reportagem realizada pela jornalista Leniza Krauss para o programa “Balço Geral SP”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pyqbsgxSYTw>

<sup>13</sup> Reportagem realizada pelo jornalista Thiago Luz para o programa “Jornal da EPTV 1ª Edição – Sul de Minas”, atualmente disponível no App Globoplay e no link: <https://globoplay.globo.com/v/6420130/>

A reportagem da EPTV Sul de Minas também seguiu os mesmos moldes e buscou contar a história de dona Gabriella, com destaque para as entrevistas do atual administrador do cemitério paroquial, senhor Tarcísio Teixeira, que relatou o medo de algumas pessoas de passar em frente à estátua, preferindo passar por outros caminhos no cemitério; já o professor Tarcísio Paes fez um pequeno relato da vida de dona Gabriella e contou sobre um senhor que, após uma visita desrespeitosa ao cemitério, perdeu a direção do carro em uma estrada rural de Itajubá e alegava para o carona que a Mulher de Bronze estava segurando o volante de seu carro. O senhor João Otero Diniz, presidente da Academia de História de Itajubá, falou sobre a foto de dona Gabriella tirada por seu filho, sr. Euclides, e a aposentada Ana Silva contou que seu irmão estava entre os estudantes do antigo IEI que retiraram a estátua do cemitério e a levaram até a praça central, em seguida a engenheira Rita Ramos relatou o pavor que sentiu quando, ainda criança, ficou presa na grade em frente à Mulher de Bronze enquanto visitava o cemitério. Houve ainda o relato de uma estudante primária, Ana Flávia Costa, que fez uma pesquisa escolar sobre a lenda.



Figura 08: cenas da reportagem da EPTV Sul de Minas em 2018.

Fonte: reprodução da internet (2021)

Há, ainda, a exploração da lenda da Mulher de Bronze por meio de sites e páginas do Facebook que se dedicam à divulgação do sobrenatural e seus discursos.

Não raramente há postagens de considerável repercussão sobre essa lenda, com comentários ricos em detalhes assombrosos e que despertam curiosidade naqueles que não conhecem a história que cerca a imortalização de dona Gabriella por meio de sua representação imagética.



Figura 09: postagem da página “LendaTV” sobre a lenda da Mulher de Bronze.

Fonte: reprodução do Facebook (2021)

A foto original – que serviu de modelo para a estátua - em que dona Gabriella está em frente à capelinha de Guaratinguetá, foi tirada pelo senhor Euclides e encontra-se na Casa Paroquial de Nossa Senhora da Soledade, uma vez que o cemitério onde dona Gabriella e seus familiares estão sepultados pertence à Paróquia de Nossa Senhora da Soledade. No interior do jazigo existe uma réplica da fotografia, porém só ser vista de longe através das grades tumulares. Do mesmo modo em que muitas pessoas evitam passar pela estátua quando vão ao cemitério, é grande a quantia de curiosos que procuram o Cemitério Paroquial de Itajubá apenas para conhecer a estátua.

Reconhecendo a importância cultural da lenda e seu impacto na sociedade, o Poder Executivo de Itajubá realizou o tombamento da estátua e do mausoléu em seis de janeiro de dois mil e doze, através do decreto municipal número 4462 do Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Artístico de Itajubá – CODPHAI. Desde então,

a estátua tem recebido mais atenção do poder público<sup>14</sup> e sua conservação não mais depende apenas dos descendentes de dona Gabriella.



Figura 10 – Tombamento Patrimonial

Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 11: Ato de Tombamento da estátua e mausoléu

Fonte: Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Artístico de Itajubá

<sup>14</sup> A prefeitura de Itajubá noticiou, em 27/10/2015, que estava realizando a reforma, limpeza e a restauração do jazigo e da imagem de dona Gabriella de Moura Fonseca, a Mulher de Bronze. Disponível em: <http://186.225.220.244/noticias.php?id=10736>

## 5 O espaço do cemitério

*“Transito pelo cemitério,  
o dormitório dos pós-vivos,  
tomado pelo mistério  
de cada número intransitivo.*

*Cada data talhada na pedra,  
que fecha os colchetes de um caminho,  
instiga da vida um pensamento que medra  
na mortemática do meu destino. ”*

(Saulo Pessato, *Matemática da morte*)

O cemitério (do latim *coemeterium* - que significa dormitório) é o local destinado ao repouso eterno daqueles que já realizaram sua passagem para outro plano que não este. Assim sendo, é um lugar que permite a produção de inúmeros discursos e carrega em si a perpetuação desses, através da memória e pela construção de sentidos, sejam eles religiosos, políticos, sociológicos ou antropológicos, mas, sobretudo, discursos identitários.

O espaço do cemitério é propício para os processos de evocação da memória pois, além de ser um local de visitação, reflete, através da inscrição histórica, tudo aquilo que o morto foi em vida. Tais evocações acontecem das mais variadas formas e nas mais diversas possibilidades, dentre as quais podemos destacar os epitáfios e demais escritos tumulares e, também, as simbologias que se fazem presentes nas tumbas, como as imagens de anjos nos túmulos infantis, na tentativa de aclarar a imagem daqueles que partiram ainda em tenra idade, ou nos emblemas postos sobre os jazigos daqueles que, por alguma razão, tiveram grande destaque em vida. A estátua é outra simbologia que se faz presente nos cemitérios e que, neste trabalho, é merecedora de destaque, pois ela evoca a memória através de um cunho mais realista e possibilita a eternização da memória através de um discurso mais específico, que é produzido não somente pela estátua em si, mas pelas impressões que ela deixa transparecer.

Os discursos produzidos no espaço do cemitério - verbalizados ou não - expressam um turbilhão de sentimentos causados, principalmente, pelo enigma do local, que representa o fim de uma vida e a incerteza de sua continuidade ou não. É um local de veneração e de saudade, onde os que vivem se unem, por meio da memória, aos que se foram. É também um local de assombro e de espanto, marcado por medos e inseguranças e que reflete aquilo que o sujeito ainda não conhece - aquilo que vem após a morte. É lugar de certeza, pois é o local onde todos farão morada eterna. Todas estas impressões acerca dos cemitérios tornam-se forças propulsoras para ricos e preciosos discursos.

Os discursos produzidos sobre e nos cemitérios causam impressões variadas nos sujeitos que os ouvem, que vão desde o pavor até a curiosidade, e, por esta razão, o comportamento daqueles que visitam este espaço também é muito diverso e incerto. Para alguns, é local de prova, de contestação de histórias. Para outros, é ponto turístico. Percorrer ruas e vielas de cemitério significa conhecer a História e as histórias através da discursividade manifestada no patrimônio discursivo fúnebre. Esses discursos sobre o cemitério estão envoltos em particularidades que variam não só de cemitério para cemitério, mas também quanto à localização dos jazigos e túmulos, opção essa que indica a classe social a que o falecido pertencia e o prestígio que sua família possuía perante a sociedade. Os sujeitos do discurso podem ser muitos, desde os próprios falecidos até os vultos de suas memórias. Os vivos encarregam-se de criarem discursos sobre os sujeitos e garantirem a sua circulação na tentativa da persistência da memória.

### 5.1 O Cemitério Paroquial de Itajubá



Figura 12: Cemitério Paroquial de Itajubá  
Fonte: Imagem disponível na internet (2020).

A primeira necrópole do município de Itajubá foi criada por Padre Lourenço da Costa Moreira, fundador da cidade, em 1819, mesmo ano da fundação da cidade. Denominada “Cemitério do Rosário”, a necrópole era localizada em área hoje totalmente urbanizada e que, na atualidade, abriga a região central da cidade. Ao comentar sobre o Cemitério do Rosário, Guimarães (1987) diz:

“A necrópole do Rosário, há quase um século desaparecida, era singelíssima. Além de uma ou outra sepultura de tijolos, os demais sepulcros só eram indicados por amontoados de terra e uma pequena cruz de madeira. [...] Não havia, até 1856, nenhuma inscrição tumular - é esta a informação que se colhe nas Atas da velha Câmara, entre outras, a de 8 de abril daquele ano.”

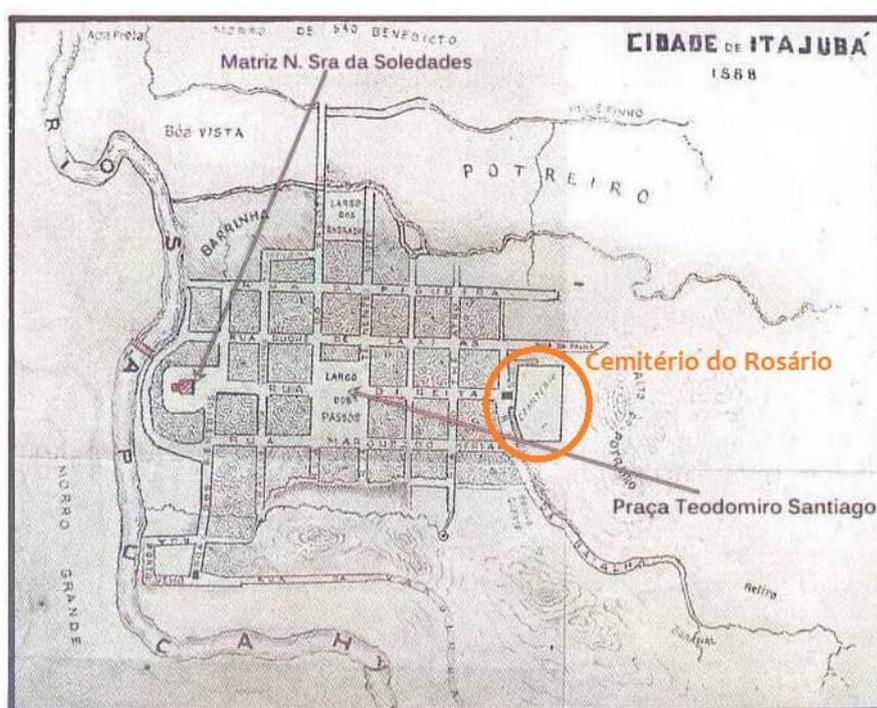


Figura 13 - Localização do antigo cemitério do Rosário.

Fonte: Prefeitura Municipal de Itajubá (2021).

Com o crescimento da cidade, fez-se necessária a construção de uma nova necrópole e a desativação do Cemitério do Rosário que se encontrava, desde 1862, em situação de abandono e de negligência por parte das autoridades. Em 1885, chegou à cidade o Padre Bartolomeu Taddei, que tomou as providências necessárias para a construção de uma nova necrópole municipal. Após convencer a população e os governantes acerca da importância da obra, o padre, depois de estudo, sugere o “Alto do Potreiro” como o local ideal para a instalação do novo cemitério. O terreno de

“quarenta braças em quadro” pertencente ao senhor João Domingues Villa-Nova e sua esposa, dona Antônia Maria Ferreira dos Santos, foi comprado pela Paróquia de Nossa Senhora da Soledade pela quantia de oitocentos mil réis.

O Cemitério foi construído com a colaboração da comunidade que levava, em procissões, pedras, tijolos, porções de areia e cal para a construção da necrópole. Os pedreiros, também em cooperação, ergueram gratuitamente os muros. A 25 de janeiro de 1889 deu-se a inauguração do novo cemitério, com a benção proferida pelo pároco da época. O jornal “A Verdade” de 31/01/1889 afirma, na coluna *Gasetilha*, que cerca de três mil pessoas compareceram ao ato inaugural. A Comissão de Obras, após um mês da inauguração, autorizou a instalação e uso do novo cemitério, deixando a cargo das famílias a transferência dos restos mortais de seus entes do antigo cemitério para o novo.

O Livro de Tombos da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Soledade contém a seguinte informação (apud Guimarães, p. 537):

“Há dois cemitérios, o antigo, que não funciona desde fevereiro deste ano, e o novo, colocado numa bela colina não muito distante do antigo. Este último está murado e com um portão de ferro, não tendo ainda capela própria, mas uma cruz alta no centro [...]. Deve ser considerado como paroquial, ou da Fábrica, por ter sido feito com donativos e serviços dos fiéis, muito concorrendo para a completa realização dessa importante obra o esforço e intervenção do infatigável Missionário Revmo. Padre Bartolomeu Taddei. ”

Houve época em que a municipalidade entendeu ser a proprietária do cemitério, chegando a apreender, em 1890, as chaves do cemitério e todos utensílios do coveiro. Em 1891, por intermédio do Cônego Augusto Leão Martin, o cemitério retorna à Igreja.

O primeiro cidadão a ser enterrado no Cemitério Paroquial foi o Coronel Joaquim da Mota Paes, o Barão de Camanducaia<sup>15</sup>, que esteve na cidade para inaugurar o Cemitério Paroquial e fora atingido por um raio enquanto passava por Piranguinho rumo a Conceição dos Ouros.

---

<sup>15</sup> Sobre o Barão de Camanducaia, também contamos sua história na página 15 deste trabalho. Nota-se uma certa semelhança com o enredo da novela “O Bem-Amado”, de Dias Gomes, cujo prefeito passa a trama a tentar inaugurar o cemitério e, por ironia do destino, acaba ele mesmo sendo o primeiro a ser enterrado na necrópole que ele planejara. No entanto, não é possível afirmar que houve inspiração do autor no incidente do Barão de Camanducaia, uma vez que a o incidente, apesar de real, tem características comuns às fantasias da população.



Figura 14: túmulo do Barão de Camanducaia

Fonte: arquivo pessoal

É cabível mencionar aqui que o Cemitério Paroquial de Itajubá também é o lugar de repouso de outras personalidades ilustres de nossa história, como o ex-presidente Wenceslau Braz<sup>16</sup>, o ex-vice-presidente Aureliano Chaves<sup>17</sup> e o candidato a santo Padre Léo<sup>18</sup>.

Em 2004 foi inaugurado na cidade outra necrópole, o Memorial Parque da Mantiqueira, localizado no bairro Cafona, em uma colina logo na entrada da cidade para quem chega pela BR-459 em direção ao Vale do Paraíba, de propriedade particular concedida pela prefeitura, criado para atender a necessidade da população

---

<sup>16</sup> Wenceslau Braz Pereira Gomes, nascido aos 26/02/1868, em Brasópolis e falecido em Itajubá aos 15/03/1966. Foi presidente do Brasil de 15/11/1914 a 15/11/1918, enfrentando em seu governo a pandemia da Gripe Espanhola. Escolheu Itajubá para viver após o término de seu mandato, uma vez que possuía relações com a cidade desde criança.

<sup>17</sup> Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, nascido aos 13/01/1929 em Três Pontas e falecido aos 30/04/2003 em Belo Horizonte. Foi governador de Minas Gerais entre 1975 e 1978 e vice-presidente de 1979 a 1985. Possui grande relação com Itajubá, uma vez que aqui se graduou em engenharia no IEL, atual Unifei.

<sup>18</sup> Léo Tarcísio Gonçalves Pereira, nascido aos 09/10/1961 em Delfim Moreira e falecido aos 04/01/2007 em São Paulo. Passou sua adolescência em Itajubá, tendo concluído o ensino científico (atual ensino Médio) na EE Major João Pereira. Membro da comunidade Canção Nova e candidato, teve seu processo de beatificação iniciado pela Igreja Católica em 2020. Seus restos mortais foram transladados para uma comunidade católica e não se encontram mais no Cemitério Paroquial de Itajubá.

devido à escassez de espaço no cemitério Paroquial. Até o momento, não existe nenhuma lenda que tenha o Parque da Mantiqueira como palco de acontecimento, mas isso não demorará a acontecer, pois os cemitérios são sempre espaços de lendas e discursos.

## 6.Os discursos sobre a lenda

*“Eu sou a Moça-Fantasma  
que espera na Rua do Chumbo  
o carro da madrugada.  
Eu sou branca e longa e fria,  
  
a minha carne é um suspiro  
na madrugada da serra.  
Eu sou a Moça-Fantasma. O meu nome era Maria,  
Maria-Que-Morreu-Antes.*

[...]

*Se o fantasma não sofresse,  
se eles ainda me gostassem  
e o espiritismo consentisse,  
mas eu sei que é proibido  
vós sois carne, eu sou vapor.”*

(Carlos Drummond de Andrade, *Canção da moça-fantasma de Belo Horizonte*)

Muitos são os discursos<sup>19</sup> sobre a Lenda da Mulher de Bronze que interagem com o imaginário dos cidadãos itajubenses e daqueles que a cidade visitam<sup>20</sup>. Podemos encontrar na internet, mais precisamente no Facebook<sup>21</sup>, site que se destina ao entretenimento e relacionamento interpessoal, inúmeros relatos<sup>22</sup> sobre a Mulher de Bronze, de onde retiramos os recortes a serem analisados:

---

<sup>19</sup> Neste trabalho, optei por analisar apenas os discursos disponíveis na rede social Facebook. Pretendo, em um futuro trabalho de Doutorado, coletar entrevistas de pessoas que têm alguma relação com a lenda da Mulher de Bronze, seja por terem vivenciado algo ou por saberem de algo que alguém lhes contou. Pretendo, também, investigar as histórias dos assombros iniciais da estátua quando esta chegou pela ferroviária e causou certo pavor aos maquinistas e também investigar quem foram os estudantes que retiraram a estátua do cemitério e fizeram seu deslocamento até a Praça Theodomiro Santiago, entrevistando e analisando discursivamente, se possível, alguém envolvido nessa molecagem.

<sup>20</sup> De acordo com o atual administrador do Cemitério Paroquial, há quem esteja passando por Itajubá e, por já ter ouvido a lenda da Mulher de Bronze, procure seu jazigo apenas para conhecê-la. Também pretendo, em um trabalho futuro, investigar quem são as pessoas que visitam a Mulher de Bronze.

<sup>21</sup> Aqui retiramos comentários, preferencialmente, do grupo “Cantinho da Saudade”, que se destina às lembranças de Itajubá e seus municípios.

<sup>22</sup> Optei por não revelar os nomes dos usuários que teceram tais comentários devido ao fato de eles terem se expressado em um grupo fechado, onde só os membros podem interagir.

Existe esta história narrada:  
Segundo os administradores do escritório do cemitério da cidade, a estátua chegou a ser levada para a praça pública. “Com isto, surgiram mais lendas ainda, começaram a dizer que a estátua saiu andando e foi parar na praça. Muita gente vem ao cemitério só para tirar foto ao lado da estátua. Ela é uma atração para os moradores e visitantes da cidade. Existem filmes e documentários que retratam detalhes da história”, contam os administradores.

1 ano Curtir Responder



Nesse relato, o autor introduz a história da lenda, apresentando falas comuns dos administradores do cemitério quando questionados acerca da estátua de dona Gabriella. Nota-se que há clara intenção de não tratar a história como lenda, mas sim como um acontecimento histórico da cidade.

Agora, tomemos por base estes dois comentários:

*Adriana Aparecida Da Lenda Oliveira*

Eu sempre tive e tenho muito horror

1 ano Curtir Responder

*Francineia Pontes*

Eu sempre vou ao cemitério visitar o túmulo da família é sempre respeitei a estátua. Tenho medo

1 ano Curtir Responder

Já esses, por sua vez, introduzem a questão do medo que a estátua e a lenda despertam. Nota-se, aqui, duas formulações importantes: horror<sup>23</sup> e respeito. Para os autores, o horror é pior que o medo e está perpetuado. No entanto, prevalece o respeito pela imagem e pela pessoa que ela representa.

Os próximos comentários também abordam a questão do medo:

Enviado por: [nome]

Deus que me perdoe já não vou no cemitério passar perto da mulher de Bronze então nem pensar não sei se é medo mais prefiro evitar!

1 ano Curtir Responder

Enviado por: [nome]

Tenho medo até hoje de passar perto dela

1 ano Curtir Responder

Enviado por: [nome]

Eu morria de medo dela, diziam que durante as madrugadas ela saia andando

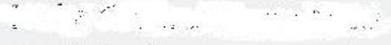
1 ano Curtir Responder

Interessante notar que para essas pessoas o medo também está perpetuado, a ponto de até evitarem passar pelo local onde está a Mulher de Bronze ou pelas redondezas do cemitério, mesmo que elas não saibam exatamente se o sentimento que nutrem é o medo. Nota-se, também, que aqui já há um deslize na história, quando comentam que a estátua saía andando pelo cemitério durante as madrugadas, horário esse que, segundo as lendas, é propício para as assombrações e casos do sobrenatural.

Os comentários que seguem também abordam essa questão:

---

<sup>23</sup> Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: **1.** Sensação horripilante de medo. **2.** Receio, medo, temor, pavor. **3.** Repulsão, repulsa, aversão, ódio.

 Até hoje , eu acho que ela vai sair andando....

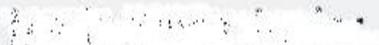
2 ano Curtir Responder



 Jesus nem me fale

2 ano Curtir Responder

Apesar de hoje a estátua estar chumbada junto ao chão do cemitério, ainda há quem pense que a estátua possa andar pelo cemitério. Nesse caso, o medo é tão grande, que a pessoa que responde o comentário usa das forças divinas na tentativa de se proteger, através do discurso religioso, de algum mal que a estátua possa causar.

 Ela e perfeita. Mas a noite, visita em sonhos terríveis quem desgosta dela.

2 ano Curtir Responder

Já aqui é possível notar um outro deslize, quando a estátua ganha poderes de perseguir em sonhos as pessoas que, por algum motivo, tem algo contra ela. O autor do comentário introduz sua fala com um elogio à estátua, classificando-a como perfeita, muito provavelmente na tentativa de não ter seus sonhos invadidos pela assombração durante a noite. Ou não. O ato de classificar a estátua como perfeita também pode ser referência ao trabalho do escultor.

Os próximos comentários ainda dialogam sobre o medo em relação à estátua:

2014/02/20 10:00:00  
Amiga eu tinha muito medo da mulher de bronze. Da até arrepios. ao lembrar.

2 ano Curtir Responder



2014/02/20 10:00:00  
Eu tinha medo dela quando era criança por que em qualquer lugar que a gente ficava dava impressão que ela estava olhando para gente

2 ano Curtir Responder

2014/02/20 10:00:00  
Morria de medo dela. Quando ia ao cemitério nem passava perto de tanto medo

1 ano Curtir Responder

Notamos, nesses comentários, o quanto a lenda causa pavor nas pessoas, que só de pensar na estátua já sentem arrepios, tornando a memória uma sensação física. Além disso, o autor comenta sobre a impressão de que a estátua segue as pessoas com os olhos, o que confere à lenda um ar ainda mais fantasmagórico. Em seguida, a pessoa que fez o comentário seguinte, fala sobre a ideia de sofrimento causada por ter que passar perto da imagem, dando a ideia de que preferia evitar encontrá-la, o que se configura como uma repetição nos discursos da e sobre a lenda.

Eu tenho horror da mulher de bronze.O coveiro trancou o portão do cemitério e eu estava com minha mãe que foi rezar.Só eu sei o medo que passei.Tenho medo até da foto da mulher de bronze

1 ano Curtir Responder



Nesse comentário, o autor repete o termo “horror” em relação à estátua e comenta uma história por ele vivenciada, revelando que até a foto da Mulher de Bronze causa nele uma sensação de desconforto, a qual ele utiliza o termo medo para classificar.

Na mesma linha de pensamento, a pessoa que escreveu o comentário a seguir não tinha conhecimento da história de dona Gabriella, conhecendo apenas a lenda sem saber quem era nela representada. Mesmo assim, o medo da foto se também se faz presente, já que a pessoa confessa que relutou para abrir a fotografia, o que nos passa a ideia de resistência em ver a imagem da estátua.

Estou sabendo da história dessa senhoa agora mas confesso que morria de medo dela e até relutei em abrir a foto...rss

6 ano Curtir



Eu contei há dias atrás. Eu morro de medo mesmo e depois do acontecido comigo, o Luiz José fazia questão de me assustar. Ele falava que viu a mulher de bronze na beirada da minha cama e que ela foi me buscar. Fiquei traumatizada pois até hoje tenho pesadelos com a mulher de bronze

1 ano Curtir Responder



Já nesse comentário, o autor relembra, através do medo, uma peça que um conhecido nele pregou, revelando grande trauma, pois até os dias de hoje têm pesadelos com a imagem da estátua, corroborando com a ideia de que a estátua teria o poder de invadir o sonho das pessoas.

Existem, ainda, outros dizeres<sup>24</sup> sobre a estátua que circulam na cidade, tais como:

- É necessário pedir a autorização da Mulher de Bronze para adentrar ao cemitério da cidade;
- Não se pode encostar-se à estátua da Mulher de Bronze;
- Nunca se deve olhar diretamente para a estátua;
- Fazer o sinal da cruz três vezes ao passar pela estátua da Mulher de Bronze.

---

<sup>24</sup> Não foram encontrados esses dizeres nas pesquisas nos grupos do Facebook, porém são deslizes que a lenda apresenta em sua tradição oral, que circula pelos quatro cantos da cidade.

Para entendermos como os discursos constituem a lenda, faz importante compreender o que, para Orlandi (2016), seria o processo de individuação, uma vez que o sujeito tem sua forma individuada na sociedade. Uma lenda se constitui para circular em diferentes formações, produzindo sentidos, identidade e memória.

Ao repetir a história da lenda, o sujeito individua-se e identifica-se como cidadão itajubense ou como pessoa que mantém certa relação, das mais variadas formas, com o município sul mineiro de Itajubá. Saber da lenda é identificar-se.

Cada sujeito, ao contar a lenda, produz uma versão, ativada pela memória. O dizer, por sua vez, se constitui no ponto em que atravessa o interdiscurso: o já dito e esquecido, e o intradiscurso: a formulação do discurso já dito. Desta união, nasce a memória discursiva – a possibilidade de dizeres que, no momento da enunciação, se atualizam como efeito de um esquecimento que corresponde a um processo de deslocamento na memória e de significações.

Nesse sentido, é possível afirmar que, ao formular a lenda, sujeito e sentido se constituem, ocasionando o encontro da materialidade da língua com a materialidade da história.

Orlandi (2016) afirma que “o sentido de algo não é sua origem”. Muitas vezes a origem da lenda é ignorada por aqueles que ouvem dela falar. Apenas quem procura estudar a lenda acaba por conhecer sua origem. Para a Análise de Discurso, o sentido, de acordo com P. Henry (1993), não tem origem e não são transparentes, o que confere o caráter opaco à língua.

Esta talvez seja a razão pela qual as lendas instiguem tanto as pessoas: elas não precisam de suas origens, mas sim de um sentido, muitas vezes dotado de múltiplas formulações. Não são considerados os mistérios e sim a opacidade, a não transparência.

## **6.1 O processo de significação da lenda**

Destacando-se as propriedades da lenda da Mulher de Bronze, são perceptíveis algumas repetições em seus discursos, como:

*“A estátua sai andando...”*

*“A estátua anda pelo cemitério durante a madrugada...”*

*“A estátua aparece no sonho das pessoas...”*

*“A estátua olha fixamente para todos...”*

É comum, também, o uso de expressões que revelam impressões pessoais utilizadas em referência à lenda:

*“Tenho medo até hoje...”*

*“Eu morro de medo mesmo...”*

*“Eu tenho horror da Mulher de Bronze...”*

*“Eu não passava nem perto da estátua de tanto medo...”*

*“Não sei se é medo, mas prefiro evitar...”*

Ao proferir um discurso sobre a lenda, o sujeito recupera um dizer já estabelecido e o reformula, abrindo espaço para um novo discurso. Esse processo de efeito de sentido que se produz no interdiscurso de retorno ao já dito na produção de um discurso, abre o espaço da memória através da paráfrase.

Ademais, o léxico utilizado nos discursos sobre a lenda, mesmo em suas paráfrases, aponta para o sobrenatural e para o amedrontamento. A lenda causa um estranhamento nas pessoas, o que produz um sentido de assombro nos sujeitos.

Alguns comentários sobre a lenda revelam o medo de que o simples fato de a repetir já a torne real, ou seja, o medo de que as palavras tornem a lenda real.



*“Jesus! Nem me fale!”*

A palavra tem poder. Evocar a presença do divino, para os sujeitos, é sinal de proteção contra todos os perigos, inclusive contra as lendas e assombrações.

De acordo com Orlandi (1999), as condições de produção fazem parte da exterioridade linguística. São responsáveis pelo estabelecimento de relações de força

no interior do discurso mantendo relação necessária com a linguagem, a fim de construir o sentido do texto.

Temos, então, as condições de produção da lenda da Mulher de Bronze: a estima da família por Dona Gabriella e o desejo de manter viva<sup>25</sup> a imagem de sua matriarca; a estátua de Dona Gabriella e a capacidade de assombrar<sup>26</sup> através da imagem; os discursos da lenda, seus relatos efeitos e poderes; e, por último, o cemitério<sup>27</sup>, local de descanso eterno e de relações adversas e controversas com aqueles que ainda estão vivos. As noções das condições de produção atingem a relação do indivíduo com o meio no qual ele se insere.

O que assombra o sujeito é, na verdade, o vestígio da presença da Mulher de Bronze e sua materialização em moldes realistas, bem como a localização na qual ela é inserida – o cemitério.



Figura 15: visão do mausoléu da Mulher de Bronze pelo portão principal do cemitério – espaço de inserção da lenda.

Fonte: Prefeitura Municipal de Itajubá (2020).

<sup>25</sup> Aqui estamos falando da imagem eternizada e não da lenda.

<sup>26</sup> O assombro da imagem caracterizado pelo desconhecimento de sua encomenda, quando aqui chegou, e posteriormente causado pela inserção da estátua no espaço do cemitério.

<sup>27</sup> Talvez, se a estátua tivesse sido colocada em outro local, a lenda não existiria.

A lenda, portanto, é parte da memória e da individuação de sujeitos. É uma forma de aterrorizar e de marcar a humanidade e o sobrenatural. No espaço da interpretação em que faz sentido, ela relaciona-se com aquilo que vai além dela mesma e de sua compreensão.

## 7. Considerações Finais

*Traduzir-se uma parte  
na outra parte  
- que é uma questão  
de vida ou morte –  
será arte?*

(Ferreira Gullar, *Traduzir-se*)

Como se terminar essa análise fosse algo possível, colocamos apontamentos que foram considerados em relação ao *corpus* proposto ao longo da pesquisa para organização do trabalho. Pensamos a lenda urbana da Mulher de Bronze pelo viés da Análise de Discurso, considerando os discursos sobre a lenda e suas materialidades significantes, através de um objeto construído teórico-analiticamente.

Em nosso percurso analítico, a partir da identificação da lenda urbana da Mulher de Bronze e do sujeito itajubense, apresentou-se para nós uma pergunta: Como, ao significar, as lendas urbanas produzem efeito e subjetivam o sujeito itajubense? E nesse sentido, nos embasamos em estudos de Pêcheux e Eni Orlandi, grandes pesquisadores da AD, para desenvolvermos nosso trabalho e buscarmos respostas para a pergunta que almejávamos responder.

Desse modo, no capítulo 1, apresentamos os caminhos que levaram ao desenvolvimento deste trabalho, seu percurso e suas implicações e motivos. Aqui já é possível perceber que a lenda urbana da Mulher de Bronze atua como constituinte do sujeito itajubense, uma vez que o mesmo se vê interpelado por ela em diversos momentos de sua vida: quando conta uma história de assombração, quando pensa no além, quando vai ao cemitério e até mesmo quando se depara com lendas urbanas de outras cidades que não Itajubá e outras regiões que não o sul de Minas. O sujeito itajubense é atravessado pela lenda da Mulher de Bronze e, muitas vezes, nem percebe isso, pois carrega essas histórias assombrosas entranhadas em si.

Nessa direção, no capítulo 2, denominado “Primeiro Movimento de Leitura”, relacionamos a teoria da AD com a lenda urbana da Mulher de Bronze, trazendo para isso, por meio dos estudos de Pêcheux (1969) as noções de materialidade da língua

e os movimentos de interpretação, pautados nos estudos de Orlandi (1990). Seguimos compreendendo a teoria da AD com os conceitos de ideologia para Pêcheux (1997) e relação de incompletude entre linguagem/pensamento/mundo que Orlandi (2007) afirma existir. Na sequência, as condições de produção do discurso foram apresentadas sob a ótica de Orlandi (2015) que considera a relação de sentidos, os mecanismos da antecipação e as relações de força como importantes constituintes das condições de produção do discurso. Em seguida, comentamos sobre as formações discursivas para Orlandi (2015), sobre o modo como o sujeito ocupa seu lugar e sobre o estabelecimento das diferentes posições-sujeito através do encontro entre sujeito, história e linguagem de acordo com a visão de Indursky (2007).

Continuamos nossa escrita do capítulo 2 pensando a lenda urbana pelo viés da AD, como um discurso outro, que não possui um sentido único e que está em constante modificação. Assim, notamos que o sujeito itajubense, ao relatar a lenda da Mulher de Bronze, não percebe que há outros discursos através de sua fala, mesmo através das variantes dessa lenda, pois ele é constituído pela lenda e nela se reconhece. Trouxemos, então, a noção de Pêcheux (1988) sobre a constante reestruturação dos discursos, uma vez que a lenda é passível de deslizos e equívocos. Para finalizar essa discussão, nos apegamos ao conceito de memória discursiva para Pêcheux (1995), uma vez que a lenda e seus discursos possuem íntima ligação com os implícitos, os pré-construídos e as repetições.

No capítulo 3, relacionamos lendas e mitos, através de uma análise temporal para, então, apresentarmos os conceitos de Sears (2015) encaram os mitos como algo da ordem da criação para explicar aquilo que, de alguma forma, ainda se é desconhecido. Em seguida, nos apegamos à definição que Orlandi (2016) apresenta para as lendas, em que a autora afirma que uma lenda se apegua em um fundo de verdade para exercer seu papel de relatar uma história (antes estória) fantasiosa. Continuamos nossa escrita analisando a discursividade das lendas, especialmente as urbanas. Para isso, utilizamos a noção de Orlandi (2001) para um processo discursivo marcado pelas sequências discursivas do já-dito e não-dito.

O capítulo 4, no qual buscamos apresentar a lenda urbana da Mulher de Bronze, trouxe detalhes e curiosidades de sua história. Para isso, optamos por utilizar como recorte algumas reportagens televisivas e livros de historiadores locais, especialmente Guimarães (1987).

Buscamos compreender, no capítulo 5, como o espaço no qual a estátua da Mulher de Bronze está inserida, o cemitério, propicia a circulação da lenda. Para isso, foi necessário entender como se dá o espaço do Cemitério Paroquial de Itajubá e de suas lendas e vultos. Há uma relação entre a lenda e o local onde a estátua foi posta, uma vez que, se fosse colocada em outro espaço que não um cemitério – que é lugar próprio do assombro, da imaginação, da dúvida – não haveria lenda. Os elementos aqui se completam: uma estátua de moldes realistas e um cemitério, lugar onde repousam aqueles que aqui já não mais estão. Está aí a deixa para uma perfeita lenda urbana.

No capítulo 6, denominado “Os discursos sobre a lenda”, adotamos como recorte comentários retirados de um grupo do Facebook denominado “Cantinho da saudade”, cujo foco se dá na memória itajubense, especialmente por seus lugares e vultos. Nesses relatos, percebemos que existe uma repetição, marcada não só pelo medo e pelo assombro através do imaginário, mas também pelo respeito que o cidadão itajubense tem pela estátua e pela imagem que ela representa, uma vez que a encara como símbolo do cemitério e até mesmo da cidade, o que provavelmente não acontece com outro cidadão que não seja natural de Itajubá. Importante relatar que não tentamos estabelecer a origem da lenda da Mulher de Bronze pois, de acordo com Orlandi (2016) e como já afirmado anteriormente em nosso trabalho, “o sentido de algo não é sua origem”.

Na sequência, examinamos os processos de significação da lenda por meio dos discursos que elegemos como recorte de pesquisa. Nesse sentido, notamos que uma lenda urbana sempre possibilita um discurso outro, abrindo espaço para as paráfrases. Notamos, também, o valor das palavras para uma lenda, uma vez que, em alguns comentários selecionados para análise, os cidadãos têm medo de que o simples fato de falar sobre a lenda ou de ver a imagem evoque algo da ordem do sobrenatural. Nesse caso, a invocação divina se faz necessária para a proteção contra aquilo que se desconhece e que talvez possa fazer algum mal, revelando que sempre há um discurso religioso que nunca é esquecido e que atua como efeito de sentido na lenda. Por último, temos, como condição de produção primordial para a lenda da Mulher de Bronze, o desejo de seus familiares em prestar-lhe homenagem póstuma, na tentativa de eternizar sua memória, sem saber que, daquele ato, surgiria uma das mais importantes lendas para o sujeito itajubense.



## 8. Referências Bibliográficas

BENICÁ, Fabiana Aparecida. **Lenda Urbana**: Uma proposta de ensino da oralidade. Orientador: Juliana Bertucci Barbosa. 2018. 197 p. Dissertação (Mestrado ProfLetras) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

CONHEÇA a "assustadora" lenda da estátua de bronze. Intérprete: Leniza Krauss. Youtube: Record TV, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pyqbsgxSYTw>. Acesso em: 28 jul. 2021.

COURTINE, J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos.: EdUFSCar, 2009.

Ellis, B. Aliens, Ghosts, and Rituals - Legends We Live. Jackson: University Press of Mississippi, 2001.

GONÇALVES, M. A. Itajubá esteve bastante presente no noticiário durante epidemia de Gripe Espanhola há mais de 100 anos. **Jornal O Sul de Minas**, Itajubá, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://osuldeminas.com/noticias/itajuba-esteve-bastante-presente-no-noticiario-durante-epidemia-de-gripe-espanhola-ha-mais-de-100-anos/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

GUIMARÃES, Armelim. **História de Itajubá**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1987. 608 p.

HOLANDA, A. B. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.

INDURSKY, F. **Formação Discursiva**: essa noção ainda merece que lutemos por ela? in: FERREIRA, M. C. L. e INDURSKY, F. (Org.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Clara Luz, 2007.

LOPES, Carlos Renato. Lendas urbanas: discurso, cotidiano e verdade. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 19, 2005.

MOREIRA, Natália Eunice Paiva. **Lendas Urbanas**: Atualização, Persistência e "Realidade" nessas narrativas multimídia. Orientador: Jerusa Pires Ferreira. 2009. 107 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação em Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MULHER de Bronze. Direção: Marlette Menezes. Intérprete: Vanda Affá. Roteiro: Regina Rennó. Fotografia de Renata Allonso. Gravação de Vinícius Parizzi. Youtube: Narrarte Estúdio, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQoNK21YP48>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Era uma vez corpos e lendas**: versões, transformações, memória. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) Instituição, Relatos e Lendas: Narratividade e Individuação dos Sujeitos. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. ISSN 1413-2109. Consultada no site Ciências da Linguagem / Univás <https://www.cienciasdalinguagem.net/>

ORLANDI, Eni P. Maio de 68: os silêncios da memória (2010b). In: ACHARD, Pierre (et al) **O papel da memória**. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso**. In F. Gadet e T. Hak (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani ET. AL. 3. Ed. Campinas, SP. 1997.

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: Orlandi, E. (Org.). Gestos de leitura. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi, 4. Ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso (1984). In: ORLANDI, Eni. (org.) **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos selecionados por Eni Orlandi**. Campinas: Pontes Editores, 2011b.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

REPORTAGEM Especial lembra a lenda urbana da Mulher de Bronze de Itajubá, MG. Intérprete: Thiago Luz. Globoplay: EPTV Sul de Minas, 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6420130/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

SEARS, Kathleen. **Tudo o que você precisa saber sobre Mitologia**: dos deuses aos monstros e mortais, seu guia sobre a mitologia antiga. 2ª. ed. São Paulo: Gente, 2015. 255 p. ISBN 978-85-452-0039-0.

SILVA, Eunice Pereira dos Santos. **Décadas de História**: Bairro do Cruzeiro - Itajubá/MG. 1ª. ed. Itajubá: Gráfica e Editora 30 minutos, 2013. 204 p.

## **TERMO DE PERMISSÃO PARA PUBLICAÇÃO (CESSÃO DE DIREITOS)**

Declaro, como este Termo, permitir a publicação da dissertação de minha autoria pela Universidade do Vale do Sapucaí, em versão eletrônica e (para fins de uso exclusivamente acadêmico) a ser disponibilizada no site oficial dessa Universidade.

Título da dissertação: **“Como a lenda urbana significa? Um modo de subjetivação do sujeito itajubense.”**

Autoria: **Rafael Pereira Galindo.**

Por ser verdade assino o presente termo em meu nome.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Pouso Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_